

REVISTA **BZZZ**

ANO 1 | Nº 10 | ABRIL DE 2014 | R\$ 10,00



AUGUSTO CURY

AUTOR DE BEST-SELLERS
ALERTA PARA O PERIGO
DOS SMARTPHONES E
REDES SOCIAIS

HOTEL PARA PET

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO
GANHAM ACOMODAÇÕES
EM HOTEIS DE LUXO

HAROLDO AZEVEDO

O FAZEDOR DE CAPITAL

ABANDONO

O que deveria ser hospital público lembra um prédio atingido por bombardeio, que custou R\$ 25 milhões

CASARÃO LETTIERI

PRÉDIO HISTÓRICO NA RIBEIRA PRESERVA PISO COM LADRILHOS DE SUÁSTICA

CASCUDO

A INTIMIDADE DO MAIOR FOLCLORISTA DO PAÍS

TRAGÉDIA DO BALDO

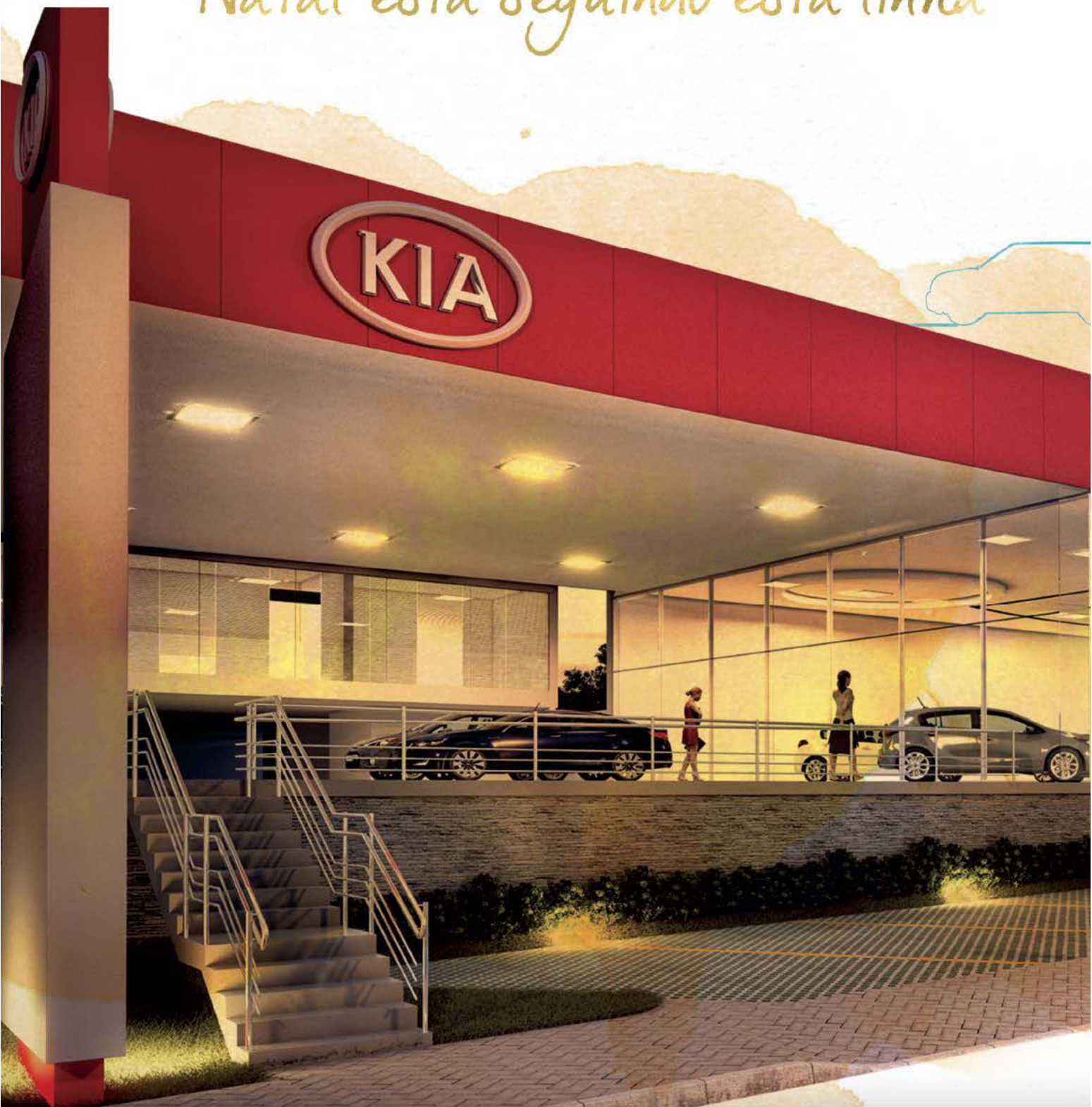
ACIDENTE QUE MATOU FOLIÕES E MÚSICOS COMPLETA 30 ANOS

CARNAVAL

BLOCOS DE ELITE FIZERAM DO CARNAVAL DE NATAL O TERCEIRO MAIOR DO BRASIL



Natal está seguindo esta linha



NATAL - AV. PRUD. DE MORAIS, 4666 - TEL.: (84) 4009.9000
MOSSORÓ - AV. PRES. DUTRA, 2002 - TEL.: (84) 3312.0300
JOÃO PESSOA - ESTRADA DE CABEDELLO, 1102 - TEL.: (83) 3219.5200



facebook
facebook.com/kiadunas



Twitter
twitter.com/kiadunas



Instagram
@kiadunas

O PADRÃO INTERNACIONAL KIA estará também nas instalações da nossa concessionária. E o melhor, sem perder os diferenciais exclusivos que você já conhece.



- Atendimento personalizado.
- Oficina completa.
- Fila de espera zero.
- Loja climatizada.

Perspectiva da nova fachada.

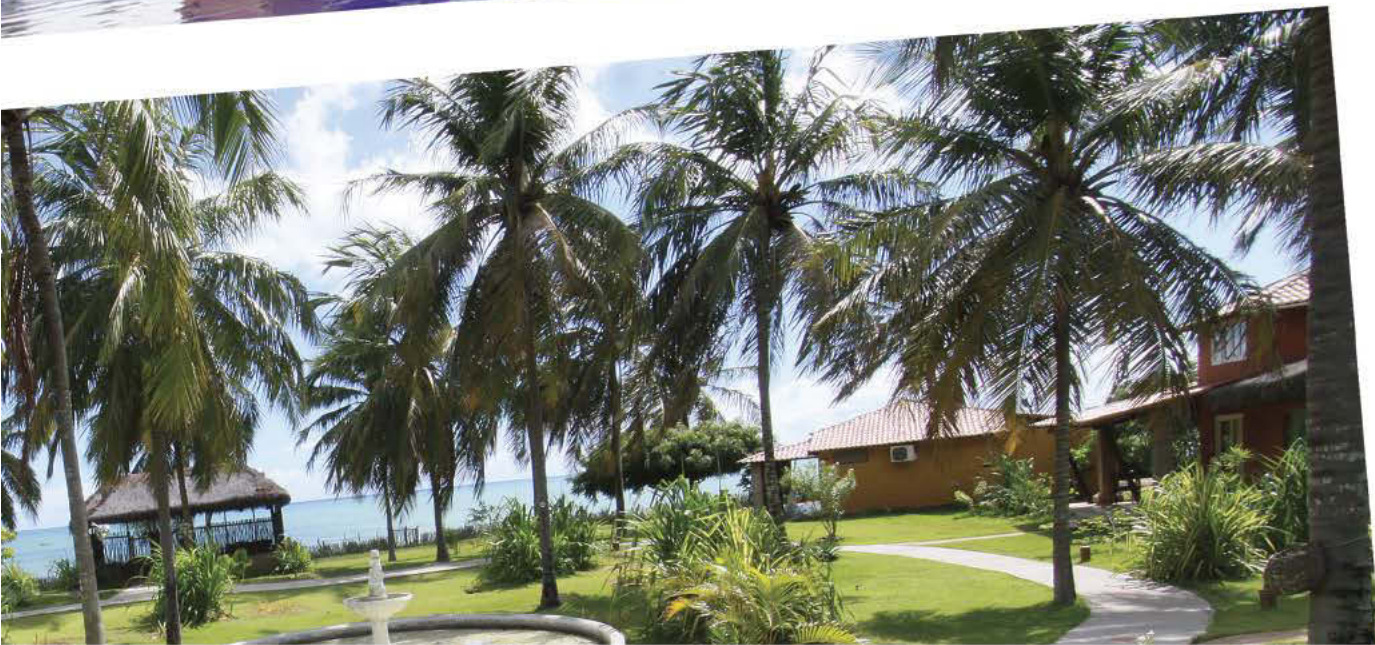


The Power to Surprise.

Respeite os limites de velocidade.



dos Pousada Amores



Charme e bom gosto à beira mar

A 97 quilômetros ao norte de Natal, na praia de São José, na região de São Miguel do Gostoso, a Pousada dos Amores é perfeita para viagens a dois ou em família. A pousada foi ampliada recentemente e ganhou 4 novos bangalôs com piscina exclusiva, todos de frente para o mar, além de oferecer 17 chalés com varanda, 50 metros quadrados de espaço interno, dos quais 10 são do tipo Romântico, sendo seis equipados com banheira de hidromassagem ao ar livre e quatro com ofurô. Em uma área de dois hectares, um cenário paradisíaco com coqueiros e jardim exuberante, a Pousada dos Amores ocupa uma faixa de 100 metros à beira da praia.



CENTRAL DE RESERVAS

+55 (84) 3693-2027 | +55 (84) 3693-2070

www.enseadadosamores.com.br



Colmeia INTERNACIONAL

Na semana retrasada, o executivo potiguar Alínio Azevedo Neto, que está trazendo a rede de luxo Four Seasons ao Rio de Janeiro, foi à Banca Sollar de Notícias, em Copacabana, comprar um exemplar da Revista Bzzz. Elogiou qualidade e conteúdo. Leitura de fôlego único. Mais um motivo de orgulho para esta colmeia.

E, coincidência, esta edição de abril traz na matéria de capa o “capitão de empresas” Haroldo Azevedo, pai de Alínio, que, devido amarras comerciais brasileiras, investe no mercado externo. Nos Estados Unidos, comercializa a água Just Coco. Na Europa, o Dermacoconut Spray, hidratante à base de água de coco.

No recheio, uma das maiores tragédias ocorridas em Natal, provocada por um ônibus desgovernado que passou por cima de integrantes e músicos de um dos blocos de elite da capital. Comoção com repercussão nacional, inclusive reconstituída no Linha Direta, programa da Rede Globo que exibia crimes e cujos autores estariam foragidos da Justiça.

Nas páginas adiante, a história do lado glamoroso que terminou com a tragédia. A história dos blocos de elite que levaram Natal a figurar em terceiro lugar entre os maiores carnavais do Brasil. Blocos que reuniam jovens da sociedade natalense, como o hoje presidente das Lojas Riachuelo, Flávio Rocha, e o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves.

No rol de denúncias, buscamos o máximo de informações sobre um lamentável exemplo de desperdício de dinheiro público: a construção do Hospital Terciário de Natal, paralisada com 48% das obras concluídas, que consumiram R\$ 25 milhões. Hoje, o que era para atender a pacientes de Natal e Região Metropolitana, enquanto a saúde pública padece, mais parece um prédio de cidade bombardeada pela guerra.

Jogue-se na leitura também da moda no Instagram; os sabores de Plantão e Galo do Alto; a fé que leva fiéis à missa em pleno sol do meio-dia; os calçados que crescem no Nordeste; hospedagens de luxo para pet; professores querem resgatar a memória de praças históricas; a artista plástica carioca que é sucesso em Milão. Imperdível: o artigo do procurador-geral do MP de Contas do RN, Luciano Ramos, sobre a bomba da Copa.

Eliana Lima

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO MENSAL

**SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**

www.revistabzzz.com

EDITORA

ELIANA LIMA
elianalima@revistabzzz.com

EDITORA ASSISTENTE

ALICE LIMA
alice@revistabzzz.com

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO

ALICE LIMA, BÁRBARA HANNA, CAMILA PIMENTEL (BRASÍLIA), CARLOS DE SOUZA, CLARA VIDAL, HEITOR GREGÓRIO, JANAÍNA AMARAL, LARISSA SOARES, OCTÁVIO SANTIAGO, THIAGO CAVALCANTI, WELLINGTON FERNANDES

FOTOS

JOÃO NETO E FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA

IMPRESSÃO

UNIGRÁFICA

TIRAGEM

6.000 EXEMPLARES

O crédito da foto do guitarrista pop Paul Pesco, na edição 9, é do fotógrafo JOSÉ MARIA MORGAGE





42 TEMPLO MARIANO



76 BOATE À BEIRA-MAR



soareslarissa
2 meses atrás



88 SELFIES



64
SERVIÇO
PARA PETS

ARTE

12 Mônica Bertlotti

A artista plástica que restaurou apartamento do príncipe da Dinamarca

CARNAVAL

12 Assaltos

Festa tipicamente natalense animava foliões da elite

ARQUITETURA

12 Praças

Projeto do departamento de arquitetura da UFRN propõe a restauração de praças históricas



NEGÓCIOS

50 Feira de Calçados

Nordeste é o segundo maior polo brasileiro da indústria de calçados



ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília

VISÃO DE FHC...

No início do ano de 2000, quando eu assinava coluna diária no vespertino O Jornal de Hoje, de Natal (RN), solicitei ao então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a opinião dele sobre o grande acontecimento do século XX. Pergunta por escrito, de acordo com o protocolo presidencial, por se tratar de uma opinião oficial, a resposta foi remetida por fax, no dia 1º de fevereiro de 2000.



O grande acontecimento político do século XX é, sem dúvida, a consolidação da democracia como um valor universal, primeiro passo para o resgate definitivo do ideal de igualdade, liberdade e fraternidade para toda a Humanidade.

Depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o colonialismo agonizava e vastas extensões da Ásia e África marchavam para a sua libertação. O salazarismo e o franquismo não passam, hoje, de longínquas lembranças. As ditaduras militares que assolaram a América Latina foram enterradas pela pressão e pela luta da sociedade civil. E o chamado socialismo real implodiu pacificamente.

No final deste milênio, ditaduras militares ou civis são aberrações. No Brasil, já temos uma democracia consolidada. Restauramos a liberdade.



TABULEIRO

Tem números circulando nos bastidores da capital do poder. O ex-governador José Roberto Arruda (PR), que foi convidado a deixar o DEM após denúncias de esquema de corrupção no Distrito Federal que ficou conhecido como Caixa de Pandora, vive momento de regozijo. Injeção de ânimo para disputar o governo no cerrado ao lado de Liliane Roriz (PSD) como sua vice. Liliane é filha do ex-governador Joaquim Roriz (PRTB), que renunciou ao cargo em 2007 após sofrer acusações de corrupção.

SOBRE O NOVO SÉCULO

E assim discorreu FHC: “O grande acontecimento político do século XX é, sem dúvida, a consolidação da democracia como um valor universal, primeiro passo para o resgate definitivo do ideal de igualdade, liberdade e fraternidade para toda a Humanidade. Depois da Segunda Grande Guerra Mundial, em 1945, o colonialismo agonizava e vastas extensões da Ásia e África marchavam para a sua libertação. O salazarismo e o franquismo não passam, hoje, de longínquas lembranças. As ditaduras militares que assolaram a América Latina foram enterradas pela pressão e pela luta da sociedade civil. E o chamado socialismo real implodiu pacificamente. No final deste milênio, ditaduras militares ou civis são aberrações. No Brasil, já temos democracia consolidada. Restauramos a liberdade”.

VELHOS TEMPOS

Rememoro essa imponente opinião de FHC diante deste ano de 2014 em que se revive o movimento civil-militar que interrompeu a democracia e imergiu o Brasil na longa e tenebrosa ditadura. No último dia 1º de abril, a decretação do golpe completou 50 anos.

NOVOS DIAS

Também porque neste ano de 2014 completou 30 anos do maior e mais importante movimento popular da história brasileira: a campanha pelas Diretas Já, que levou milhões de pessoas às ruas do país em 1984 para reivindicar eleições presidenciais diretas.



CARTELA

Para completar a chapa, o senador Gim Argello (PTB), que teve seu nome rejeitado para ministro do Tribunal de Contas da União por responder a inquéritos no Supremo Tribunal Federal (STF).

NOVELO

Sabe-se que empresários poderosos de Brasília apoiam Arruda para o governo.



POTI

A dobradinha Henrique Eduardo Alves (PMDB) para o governo potiguar e Wilma de Faria (PSB) para o Senado ainda ferve no caldeirão dos contrários. Certo que prefeitos aliados votam casado, mas alguns já avisaram que só votam em Henrique ou só em Wilma. Muitos votam em Henrique para o governo e Fátima Bezerra (PT) para o Senado.

SOPRO

Enquanto isso, a voz do povo ecoa com intenção de votar em Wilma para governadora. Apesar de ela afirmar sua candidatura ao Senado, alguns acreditam em mudança de cenário. É lembrar em outrora não distante que Wilma mudou alegando “mudança de cenário”...

MEMÓRIA

É lembrar a frase atribuída ao ex-banqueiro Magalhães Pinto (1909-1996), velha raposa política mineira, de que “Política é como nuvem. Você olha e ela está de um jeito, olha de novo e ela já mudou...”. Ou seria Ulysses Guimarães?

POLÍTICA

Ano de eleições, intensificam-se os pedidos nos corredores parlamentares. E as solicitações são das mais curiosas. Na Assembleia Legislativa do RN, por exemplo, costumam pedir pacote que inclui passagens aéreas com dinheiro para cirurgia de implante de silicone. Até depilação a laser, acreditem.

ALIÁS

Uma prática comum é eleitor-pedinte falar que “só falta R\$ 20 para comprar um remédio de R\$ 50”. Ou a pessoa da família toma o remédio ou estará com os dias contados. Aí, o assessor diz: “traga os R\$ 30 amanhã que compro seu remédio”. E o pedinte, claro, não mais aparece.



CARIMBADOS

Tem uns seis pedintes que estão todos os dias na AL-RN. Todos os dias! Chegam de manhã, almoçam por lá e entram pela tarde... Pedindo. Dão mais expediente do que muito servidor.



PARAÍSO

A praia de São Miguel do Gostoso, litoral norte potiguar, é destaque na revista de bordo da TAP deste mês. No recheio, diz que é mais conhecida fora do Brasil que no RN. Na sequência, tem um anúncio de página dupla da Paraíba, que cresce no segmento do turismo. Mas, nada de anúncio do Estado de Gostoso.

DESEJO

A praia de Gostoso, diga-se, está nas pretensões da presidente Dilma. De conhecer o paraíso. Em outubro do ano passado, quando discursava na inauguração do IFRN no município de Ceará-Mirim, Dilma disse que muita gente comentava sobre a praia, “e todas as pessoas falam que é um lugar lindíssimo”. Afirmou que ainda vai curtir férias em Gostoso.

PARA O BRASIL

Em entrevista a Ratinho, Dilma voltou a falar na cidade. Primeiro disse que o nome de São Miguel do Gostoso “é belíssimo”. Depois, afirmou que todas as pessoas comentam que se trata de uma “praia lindíssima”.

POIS-POIS

Quem disse que apagão em aeroporto sem gerador é privilégio dos aeroportos brasileiros? A área recém-reformada do Aeroporto Internacional de Lisboa teve apagão dia desses. E não tinha gerador de energia.

DEVOTO

Antes de Eduardo Campos deixar o governo pernambucano para se candidatar à Presidência da República, a Abelhinha de Plantão fez um rasante pelo seu gabinete no Palácio Campo das Princesas, no Recife. Captou sua fé e devoção. Na mesa de canto do gabinete, imagens dos seus maiores protetores.





Bem-vindos assaltos

Pode-se dizer que Natal é uma das cidades mais atípicas do Brasil, e cheia de grandiosidades, como a maior micareta do país, o maior cajueiro do mundo, para citar algumas. E já teve um dos maiores carnavais brasileiros, numa época de glamour e irreverência, onde “assaltos” pela elite eram o ponto alto

Por Heitor Gregório

Fotos: Arquivos pessoais e João Neto



Bloco Puxa-Saco na Rua Jundiá, em 1981

O CARNAVAL NO BRASIL chegou com os colonizadores portugueses e se tornou uma festa popular, com fama maior para o Rio de Janeiro. Sempre. Mas, num tempo não muito distante, a pequena cidade de Natal, a capital potiguar conhecida como Noiva do Sol, figurou na terceira posição da lista dos maiores carnavais do país. Com uma característica única e marcante: os chamados blocos de elite e seus assaltos.

Os blocos eram formados por amigos, jovens da sociedade, que se reuniam para organizar a festa e o figurino e saíam pelas ruas, nos chamados nobres bairros de Tirol e Petrópolis, ao redor de uma alegoria (carroção estilizado) puxada por trator. Era uma exclusividade de Natal, não existia em outra cidade do Brasil.

Outra particularidade eram os “assaltos”, que funcionavam da seguinte forma: foliões dos blocos de elite “invadiam” casas dos pais e amigos, previamente organizadas, para beber, comer e pular ao som de bandinhas de frevo contratadas. Festas estritamente fechadas. Tão restritas, que os membros dos blocos faziam votação para decidir quem entrava e quem recebia “bola preta”, ou seja, sem chances. À noite, a folia continuava no Clube América.

A indumentária das meninas era um charme e uma ousadia à parte, em jardineiras, batinhas, shortinhos, macacões, as famosas “kaftãs”, tudo curtíssimo. Na década de 70, a ousadia chegou às areias da então badalada Praia dos Artistas, na orla urbana da cidade, com o biquíni deixando à mostra uma pontinha do cofrinho. Em alguns blocos, meninas usavam batinhas abertas atrás que exibiam tal-qual a moda nas praias, com o biquíni um pouco mais baixo.

Surgiram os blocos de bairros mais populares, como Chefões, Psyu, Simbora, Xafurdo, Lunik, Magnatas, Bolinha, Apache, Hobbies, Samba-Ky, Bacurinhas, Jardineiros, Nego Gato. Os clubes para continuar a folia eram Assen, Alecrim, AABB, Atlântico, Camana, Boate Saravá, Cobana.

Na condução do bloco Meninões, ecoava uma das músicas mais inesquecíveis dos blocos de rua da cidade: “Alegres Meninos”, do cantor e compositor Pedrinho Mendes, até hoje ouvida por saudosos carnavalescos – “Lindas criaturas/Em busca de aventuras/Sacodem, agitam, enteram antigos tabus/Que os corpos se abraçam e se beijam suados e nus/É genial/Revirar Natal/No carnaval...Foliões/Eternos meninões/Nos quatro dias/Que há um desejo de virar tudo pro ar/Pintar o sete e desatar o nó...”

Essa forma de brincar o Carnaval perdurou da década de 30 aos anos de 1980, passando a cultura de geração em geração. O ciclo se fechou com o acidente que ficou conhecido como a “Tragédia do Baldo”, quando, a 00h50 do dia 25 de fevereiro de 1984, um atropelamento causado por um ônibus matou 19 pessoas e feriu gravemente 12, entre músicos da banda de frevo e foliões que brincavam no chamado Cordão do Puxa-Saco.

Ynra

Bloco que surgiu praticamente paralelo ao Jardim de Infância, o Ynra foi o primeiro em que o empresário Flávio Rocha (Riachuelo) brincou. Integravam nomes conhecidos das famílias abastadas da cidade, como Marcílio Carrilho, Chagas Lourenço, Bob Lyra, Beto Santos, Dudu Melo, entre mais. O ator Raul Cortez vinha a Natal brincar no bloco.



Bloco Ynra, carnaval de 1970 - Elzinha Dutra, Euler Varella, Fátima Nunes e Carlos Gondim (*in memoriam*)



Jardim da Infância, 1968 - Fátima Galiza, Elza Dutra, Cynthia Varela e Leila Rezende

Jardim de Infância

“Foi o primeiro bloco de elite de Natal”, conta a psicóloga e professora universitária (UFRN) Elza Dutra, que fez parte do bloco nos anos 60. Entre os integrantes, sem ordenar por geração, registramos Clóvis Motta, Firmino Moura, João Cavalcanti, Ezequiel Ferreira de Souza, Hélio Nelson, Sidney e Ronald Gurgel, Vicente Lemos, Álvaro Alberto, Iberê Ferreira de Souza, Jussier e Marcos Santos, Ney e Nélio Dias, Fernando Bezerra, Silvério Noronha, Ismael Wanderley, Thiago e Eduardo Gadelha, Roosevelt Garcia, Fred Galvão, Luciano e Gilson Santos, Muriel Motta, Múcio e Marcos Sá, Paulo Roberto Alves, Flávio Rocha (presidente das Lojas Riachuelo), Henrique Eduardo Alves (presidente da Câmara dos Deputados). E mais.

Para relembrar a época marcante, o ex-governador Iberê Ferreira recebeu a equipe da Bzzz em seu apartamento, ao lado dos amigos Marcos e Jussier Santos. Discorreram boas memórias desse tempo marcante: “Foi um tempo onde brincávamos de forma

muito saudável, espalhando só alegria”, comenta Iberê, lembrando os quatro ou cinco “assaltos” que aconteciam diariamente antes da festa no tradicional Clube América. “Por exemplo, Aluizio Alves chegou a nos oferecer um assalto como governador”, lembra da importância que era dada à época.

“O que também fazia alusão a cada bloco eram as músicas, a do nosso Jardim de Infância tinha letra e voz de Onfália Tinoco”, ressalta o empresário Jussier Santos, lembrado a união do grupo de aproximadamente 25 amigos também fora do período momesco, como completou Marcos Santos: “Nos reuníamos em veraneio, Semana Santa e outras datas comemorativas no decorrer do ano. Era uma amizade que perdura até os dias atuais”.

E do Jardim de Infância saíram muitas histórias de amor, que terminaram em casamento, como Iberê e Celina Maia, Fernando Bezerra e Candinha Araújo, Marcos Santos e Dodora Alves, Jussier Santos e Carmem Borges, Luciano Barros e Luluca Paiva, Gilson Barros e Ana Lúcia, Fernando Paiva e Maria Fernandes, Ismael Wanderley e Ana Catarina Alves, Bira Rocha e Carmem Lúcia Andrade. Todos integrantes do bloco.



Maria Lúcia, Thiago Gadelha Simas, Dodora Alves e Marcos Santos, no baile do América



Regina Emereciano, Iberê Ferreira, Nailca Saldanha e Nelson Bahia



Maria Lúcia, Nélio Dias, Ricardo Freire e Iberê Ferreira de Souza



Bloco Puxa Saco, em 1978, na Av. Afonso Pena

Puxa-Saco

Fundado em 1975, foi outro bloco de elite que fez muito sucesso no Carnaval de Natal. Entre os fundadores, anote-se Dickson Medeiros, conhecido pelos amigos como Meméia, e Aluísio Dutra, irmão de Elza. “Sempre aconteciam os assaltos, tanto na casa dos meus pais, Manoel Medeiros e Geralda, como na casa dos pais de Aluísio Dutra, Celso e Zeza Dutra. Mas, o último assalto do Carnaval sempre era na casa dos meus pais, onde geralmente destruíamos as alegorias”, conta Meméia, que aproveita a oportunidade e anuncia uma festa em 2015 para comemorar os 40 anos de fundação do saudoso Puxa-Saco.

Aluísio Dutra conta que a primeira alegoria do bloco foi desenhada e criada pelo hoje desembargador federal Marcelo Navarro, no terreno vizinho à casa do doutor Rosalvo Pinheiro, na Av. Afonso Pena. Além de Meméia e Aluísio Dutra, também integraram o bloco Marcos Dias Leão, Múcio Navarro, Eridson Medeiros, Alexandre Macedo, Jener Tinoco, e muito mais que fizeram crescer o cordão do Puxa-Saco.



Meméia no capô de um Fusca, em 1979, na Av. Hermes da Fonseca

Baculejo

Criado numa tarde de sábado de 1978, em reunião no Cube do América, por dissidentes do Puxa-Saco, o bloco Baculejo foi comandado por Aluísio Dutra, Hermano Moraes, Fernando Moraes, Levi Dutra, Elias Cunha, Élson Lisboa, Sudário, Luciano Góis, Duda Zilson. Chegou a uma segunda geração, formada por Vicente Freire, Paulinho Freire, João Roberto e Nelson Varela.

“Foi uma época marcante para mim, para minha família, e tenho certeza que para cada um dos integrantes dos blocos, pois tudo acontecia de forma alegre, sem brigas e sem nenhum tipo de violência”, detalha Aluísio Dutra, que, em anos posteriores, com “o fim” do carnaval de rua em Natal, após a tragédia do bloco Puxa-Saco, criou na praia de Pirangi, no litoral sul potiguar, o bloco Papangu do Pau Vermelho. Hermano Moraes, então, comandou a Troça do Sebastião, na mesma praia, em referência ao santo padroeiro da comunidade: São Sebastião. “O Carnaval de Natal nos deixou muitas saudades”, lamenta Hermano, que foi vereador da capital e hoje é deputado estadual pelo PMDB.



Encontro de amigos no Carnaval de 1977: Aluísio Dutra e Elço Lisboa (Baculejo); Baica e Rosalvo Pinto (Puxa-Saco) nos salões do América



Baile no América, 1977 - Em pé: Hilneth Correia e Celsinho Dutra. Sentados: Batata, Raul Cortez e Verinha Barreto



Bloco Saca-Rolha

Osmuz Barbalho



Bloco Lord's 71

Ressaca

Nasceu em 1975, pelo esforço de Ricardo Bezerra, Graco Aurélio, Johan Xavier, Ricardo Motta (hoje presidente da Assembleia Legislativa), Túlio Flor, Marcos Campelo, Paulocha, Garcia Júnior, Dimas Fernandes, Petit das Virgens. Para citar alguns.

Por se tratar de um bloco de elite, tinha as mesmas características dos demais, com o detalhe da presença de amigos de Ricardo Motta que vinham do Rio de Janeiro e de Campina Grande, na Paraíba, exclusivamente brincar o Carnaval de Natal, com estilo único no Brasil.

“Naquela época, sem o potencial turístico dos dias atuais, o Carnaval era o que mais atraía visitantes de todas as regiões do Brasil e até de outros países”, observa o empresário Ricardo Bezerra.

Curiosidades:

- Outro bloco de sucesso, o Colônia Pinel, na época, contou com a participação em um ano do cantor baiano Durval Lelys, líder da banda Asa de Águia, que se espelhou no nome do bloco natalense e criou o Bloco Pinéu, anos depois, no Carnaval de Salvador.

- O nome dado à mensalidade dos blocos era “joia”.

- Para fazer parte de um dos blocos era preciso se submeter à aprovação unânime de todos os membros.

- Até os dias atuais, um bloco que não era de elite, mas já existia na época, ainda percorre as ruas do bairro Alecrim no Carnaval de Natal, no mesmo formato de trator puxando alegoria: o Psyu.

Há mais de uma década, a gente cuida da sua saúde para você ter muitas décadas pela frente.

Faz 14 anos que a gente trabalha de coração. Já nascemos com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste e, hoje, somos o único da rede privada com ressonância magnética. Temos uma equipe preparada para cuidar da sua saúde em diversas áreas, 24 horas por dia. Por isso, na hora que precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é especializado em você.



 HOSPITAL
DO CORAÇÃO

Especializado em você.

(84) 4009.2000 • www.hospitaldocoracao.com.br

OS MELHORES CONVÊNIOS ESTÃO AQUI

25 de fevereiro de 1984



TRAGÉDIA DO BALDO

A noite funesta aconteceu há 30 anos, mas as imagens dramáticas ainda correm atuais na memória dos que viveram os momentos de horror e dos que até hoje sentem a dor da perda dos entes que se foram enquanto brincavam o carnaval no meio da multidão

Por Alice Lima

OS INSTRUMENTOS DA BANDA Tijolo Quente animavam milhares de foliões no centro da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, até que o frevo “Fogão” parou de tocar quando os ponteiros do relógio marcavam 00h50 do dia 25 de fevereiro de 1984, no “Cordão do Puxa-Saco”. O cenário colorido de serpentinas e confetes, enquanto jovens fantasiados e cheios de adereços dançavam e cantavam, foi repentinamente transformado em um panorama dantesco. Chegou ao fim a vida de duas dezenas de foliões e músicos. Um ônibus desgovernado atropelou o bloco de carnaval que desfilava cheio de risos, muita alegria. Chocante tal que comoveu todo o país e ficou conhecido como a “Tragédia do Baldo”, que completou 30 anos em fevereiro último.

O motorista da empresa Guanabara Aluizio Farias Batista tinha cumprido oito horas do seu turno, mas o chefe determinou que ele trabalhasse mais quatro horas. Não parou e, em seguida, outras quatro. Na subida da Av. Rio Branco, logo após o viaduto do Baldo, quando transportava os componentes da Escola Malandros do Samba, do bairro do Alecrim com destino ao bairro das Rocas, dirigindo o ônibus de placa AB-7527/RN, ele viu a rua tomada por cerca de cinco mil foliões, de acordo com as estimativas à época. No momento, tentou desviar para que não houvesse o choque, mas foi tarde.

No trecho sob o viaduto do Baldo, ao fazer a curva antes da subida, Aluizio bateu a traseira do ônibus, próximo à porta de desembarque, na lateral dianteira de um Volkswagen Fusca que estava estacionado no canteiro após a antiga Praça Carlos Gomes. A batida mudou a trajetória do veículo, jogando-o para cima do bloco, que passava naquele momento do outro lado da avenida.

O freio, na velocidade em que estava, não foi suficiente para evitar o acidente. Já na subida da ladeira, sobreviventes começavam a apedrejar o ônibus, Aluizio abandonou o veículo com a marcha em ponto morto, e fugiu. Enquanto



O ônibus após o acidente, em 1984

o ônibus descia sem condutor, os músicos da escola de samba tentavam desesperadamente sair pelas janelas, até que o folião Adailson Oliveira (Myko) teve o ato heróico e corajoso de entrar pela porta dianteira, aberta na escapulida do motorista, e segurar o seu pé no freio, até que chegou alguém para estacionar, que ele não lembra o nome. Só então parou de lastrear mais sangue. Aluizio ainda chegou a ser encontrado e prestou depoimento, mas em seguida sumiu novamente.



Adailson (Myko)

Foi umas das cenas mais tristes que aconteceram no Estado. O jornalista Rubens Lemos Filho tem recordações marcantes sobre o caso: “No dia seguinte, os bombeiros tentavam limpar o sangue que tomou a via. Nunca esqueci essa cena, a mais triste que presenciei como jornalista. Os profissionais, com as mangueiras, limpavam o sangue da rua com os olhos cheios de lágrimas”, recorda.

A tragédia que chocou o país foi notícia em todos os principais jornais do Brasil. Governador do Estado à época, José Agripino Maia decretou luto oficial de três dias. A comoção foi total. Por todos os bairros aconteciam os velórios e enterros partindo dos quatro cantos da capital potiguar.



As vítimas

Há confusão em relação ao número total de vítimas. A maioria dos jornais falava em 19 pessoas mortas, 11 feridos gravemente e um de natureza leve. Como era um dos chamados blocos de elite à época, reunia conhecidos nomes de influência na sociedade e na política.

Entre as vítimas, Dinarte Mariz Neto, neto de um dos maiores líderes da política potiguar, o ex-senador Dinarte Mariz. O jovem, que na época tinha 18 anos, estava em casa dormindo quando colegas chegaram e insistiram para que ele fosse ao bloco. Os seus pais, Dinarte Júnior e Zélia Mariz, e os avós Dinarte Mariz e Dona Diva, estavam viajando. Chegaram a tempo do sepultamento graças ao avião emprestado por Paulo Maluf.

A estudante de psicologia Simone Banhos, considerada umas das mais belas moças da cidade, também não iria ao bloco, mas resolveu ir após muita insistência de um amigo. Foi ela a primeira vítima a chegar ao Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, socorrida pelo presidente do bloco, Dickson Medeiros, conhecido por “Memeia”. “Simone caiu perto de mim. Eu a coloquei nos braços, pegamos um taxi e a levei ao hospital. Quando chegamos, ela ficou na única maca que estava livre. O

médico verificou seu pulso e disse que estava morta”, recorda. Para o carnavalesco, a ficha ainda não havia caído. “Eu não estava entendendo. Cheguei a ver mais pessoas caídas na avenida, mas não tinha a dimensão do desastre. Se Simone, que eu levei logo, estava morta, comecei a temer o que estava por vir”.

A identificação das vítimas foi um caos. Os corpos ficaram espalhados no necrotério do HMWG. Além de Simone e Dinarte, também morreram José Luis da Silva (PM), Arcelúzio Borges Gomes (PM), Francisco Alves da Silva (PM), Benedito Alves Silva (PM), Geti Nunes de Oliveira (PM), Astor dos Santos Dantas, José Félix de Lima, Risomar Correia dos Santos, Milton Servita de Brito, Luís Inácio da Silva, Antônio José Alves Filho, Juraci Cabral de Oliveira, Wallace Martins Gomes, Abmael Florêncio, José Ribeiro Campos, Wellington Teófanos de Assis, Walace Martins Gomes, Francisco Alves da Silva, Murilo Alberto Viana da Silva, Esdras César da Silva, José dos Santos Xavier, Jethe Nunes de Oliveira e Benedito Alves da Silva.

Dezenas de pessoas ficaram feridas. O Instituto Técnico e Científico de Polícia (Itep) teve dificuldades para identificar os corpos, pois, além de estarem esmagados, a maioria não portava documentos.



O Fusca em que o ônibus colidiu antes da tragédia



Coordenador da Polícia Civil à época, delegado Maurílio Pinto de Medeiros



Algoz da tragédia

De acordo com os relatos de testemunhas, o problema começou com um desentendimento entre o motorista e os integrantes da escola de samba. Apresados para ir embora, os passageiros começaram a puxar a campainha do ônibus, o que teria irritado o condutor do veículo. Pela denúncia, Aluízio saiu em velocidade “desabalada” pelas avenidas Coronel Estevam e Coronel José Bernardo, sem respeitar os semáforos durante o percurso. Após reclamações dos passageiros, ele teria respondido: “Se tiver que morrer, morre todo mundo”.

A passista Francisca Miranda, que viajava ao lado do motorista, chegou a fazer graves acusações nos jornais. Segundo ela, Aluízio estava bêbado. No local onde acontecia a festa não tinha sinalização do Departamento de Trânsito (Detran).

Em relação às condições do veículo, o laudo do Itep assinado pelo perito criminal Emanuel Varela da Silva, em 27 de fevereiro daquele ano, afirmava que os sistemas de direção e segurança dos veículos envolvidos estavam funcionando corretamente.

Pedro Avelino Neto foi o delegado escolhido pelo então coordenador-geral da Polícia Civil, delegado Maurílio Pinto de Medeiros, para investigar o caso. A escolha foi feita no dia seguinte ao do acidente. No dia 29 de fevereiro, Pedro interrogou Aluízio. O funcionário da Guanabara contou, em depoimento, que teria que fazer duas viagens naquela noite, uma para o bairro das Quintas e outra para a Cidade da Esperança, transportando blocos carnavalescos, mas seu chefe mandou que fizesse uma terceira.

O acusado negou ter batido em um carro antes e afirmou que, ao encontrar as primeiras pessoas no bloco, ainda chegou a frear o veículo. Após atropelar as primeiras vítimas, Aluízio Farias disse que reduziu o ônibus para a 3ª marcha. No documento, está o registro da história desmentida por testemunhas: “Ao estacionar o ônibus, o indiciado engatou a marcha ré, abriu a porta e foi ver o que tinha acontecido”.

Aluízio disse ao delegado que fugiu porque ao descer do veículo teria sido agarrado por populares e chegou a ter a camisa rasgada. O motorista passou em casa, trocou de roupa e foi para a casa de um primo na vizinha cidade de Parnamirim. Ele também negou qualquer discussão dentro do veículo. Após prestar depoimento, Aluízio Farias Batista foi liberado pela polícia e desde então nunca mais foi visto.

“A mobilização foi geral. Existia a pressão da sociedade e a vontade da polícia de resolver o caso chocante. A qualquer pista do paradeiro dele, os policiais iam checar, mas nunca conseguimos nada concreto. Anos depois tivemos informações de que ele estaria em uma casa na Zona Norte, mas, ao chegar lá, a informação foi de que ele morou mais de dez anos antes”, lembra Maurílio Pinto.

O delegado explicou que a demora na expedição do mandado de prisão atrapalhou a captura e a solução do caso. Ele acredita que Aluízio tenha fugido para outros estados com documentação falsa. Para o ex-presidente do bloco, no entanto, a responsabilidade maior foi da empresa, que esticou o expediente do funcionário.

26 de fevereiro de 1984



Julgamento sem a presença do réu

Aluizio Farias foi denunciado pelo promotor de Justiça José Maria Alves, em 30 de julho de 1984. Como nunca foi encontrado, o julgamento do motorista só aconteceu no dia 13 de abril de 2009, graças à edição da Lei 11.719, de 2008, que alterou o Código de Processo Penal. Antes dela, o denunciado só poderia ir a júri popular se estivesse preso e presente à audiência. A juíza Ticiania Maria Delgado Nobre foi a magistrada escolhida para julgar o caso. O promotor do júri foi Augusto Flávio Azevedo e o defensor público, Geraldo Gonzaga.

O motorista Aluizio Farias Batista foi condenado a 21 anos de reclusão em regime fechado pela morte de 19 pessoas. Pelas lesões corporais em 12 pessoas, o crime estava prescrito. Por isso, Aluizio Farias foi condenado no julgamento apenas pelos homicídios.



PMDB decide cancelar comício das diretas

NATAL — Em razão do acidente ocorrido na madrugada de ontem, o PMDB cancelou o grande comício que seria promovido às 20 horas na Praça Gentil Ferreira, no Bairro do Alecrim, em defesa das eleições diretas. O comício contaria com a presença de vários políticos de Oposição, entre eles o Presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, e os Governadores Tancredó Neves e Gerson Camata. Também compareceriam artistas como Bruna Lombardi, Paulinho da Viola, Martinho da Vila. A festa seria encerrada com um carnaval puxado por 14 Escolas de Samba. O Governador do Rio Grande do Norte, José Agripino (que retornará de Brasília na noite de sexta-feira) cancelou uma entrevista ontem para visitar os feridos e comparecer aos velórios. Ele determinou ao Secretário de Segurança, José Fernandes Delgado, providências urgentes para a captura do motorista assassino.

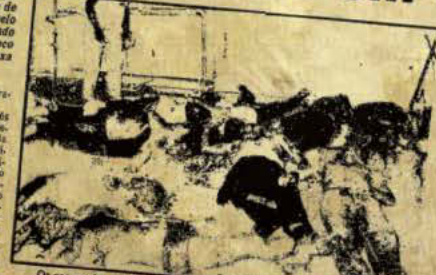
População consternada acompanha os enterros

NATAL — A cidade parou no final da tarde de ontem para assistir ao sepultamento das vítimas do acidente ocorrido pela madrugada e que deixou toda a população consternada. Como não houve um enterro coletivo, de vários bairros saíram caixões para os quatro cemitérios da cidade. O enterro que mais chamou atenção foi do estudante companha de sua mulher, Dona Diva, do seu filho, Dinarte Junior, e de sua nora Zélia Maria, pais do jovem morto, que não se encontravam em Natal. Dinarte Mariz Junior é Superintendente Regional do Inamp e estava em Piracampo para participar do lançamento de um programa da Previdência naquela capital, quando amargou a morte de seu filho. Os hospitais também tiveram dificuldades para atender os feridos e muitos ficaram algum tempo nos corredores e ante-salas à espera de socorro. Segundo médicos do Hospital de

26 de Fevereiro de 1984, Matutina, O País, página 12

Bus atropela bloco em

NATAL — Vinte e dois foliões morreram esmagados e mais de 40 ficaram feridos na madrugada de ontem quando o ônibus dirigido pelo motorista Aluizio Farias Batista — que, segundo testemunhas, estava bêbado — atropelou o bloco que acompanhava a Banda Carnavalesca "Puxa Saco" em Natal. Entre os mortos estão um neto de 18 anos do General Dinarte Mariz (PMDB) e cinco Sargentos da Polícia Militar e três Sargentos do Distrito Militar. O motorista foi denunciado pelo promotor de Justiça José Maria Alves, em 30 de julho de 1984. Como nunca foi encontrado, o julgamento do motorista só aconteceu no dia 13 de abril de 2009, graças à edição da Lei 11.719, de 2008, que alterou o Código de Processo Penal. Antes dela, o denunciado só poderia ir a júri popular se estivesse preso e presente à audiência. A juíza Ticiania Maria Delgado Nobre foi a magistrada escolhida para julgar o caso. O promotor do júri foi Augusto Flávio Azevedo e o defensor público, Geraldo Gonzaga. O motorista Aluizio Farias Batista foi condenado a 21 anos de reclusão em regime fechado pela morte de 19 pessoas. Pelas lesões corporais em 12 pessoas, o crime estava prescrito. Por isso, Aluizio Farias foi condenado no julgamento apenas pelos homicídios.



Os corpos das vítimas espalhados no chão do necrotério da pronta socorro

O Carnaval teve seu fim

O caso foi apresentado no programa Linha Direta - Justiça, da Rede Globo, no dia 8 de dezembro de 2005, inclusive com a simulação do acidente. Na oportunidade, fotos do motorista foram divulgadas por todo país, mas mesmo assim ele não foi encontrado, jamais.

A tragédia é considerada um divisor de águas no carnaval da cidade, pois contribuiu para o declínio do carnaval de Natal. Era o primeiro ano em que o bloco, antes realizado em clube e nos chamados “assaltos” (festas programadas em casas de amigos e familiares), estava na rua. “Penso em fazer uma nova edição do Puxa-Saco em 2015, mas é um assunto delicado. Passei anos tendo pesadelos com instrumentos

tocando”, conta Dickson Memeia.

Se a história inquieta mexe com quem apenas a escuta ou lê, entre a população adulta de Natal, que viveu a angústia daquele momento trágico na história da cidade, parece que o episódio de 1984 aconteceu ontem.

Muitos lembram as roupas que vestiam, o que faziam no exato momento. As cenas de horror seguem intactas na memória. Até hoje é difícil imaginar que o que seria diversão foi o fim para tantos e o trauma eterno de familiares e amigos das vítimas. Pior que isso é saber que tudo poderia ser evitado e, que o culpado, seguiu seu curso sem nunca pagar – na Justiça – pelo erro das consequências mais graves já vistas no Rio Grande do Norte.



GURU

dos tempos modernos

Psicoterapeuta e escritor de best-sellers, Augusto Cury afirma que o mal do século é a ansiedade e alerta para o perigo dos smartphones e redes sociais

Por Alice Lima
Fotos: João Neto

ELE É QUASE UMA espécie de guru, lido, relido, interpretado e seguido à risca por admiradores do mundo inteiro. Alguns leitores e pacientes podem até não conseguir, mas o número de pessoas que tentam empregar as mensagens de otimismo e superação do escritor, médico psiquiatra e psicoterapeuta Augusto Cury aumenta a cada dia.

A contabilidade dos seus livros já soma mais de 20 milhões de exemplares vendidos apenas no Brasil, com publicações em mais de 60 países. Qual o segredo do sucesso? Descobrir a inteligência emocional, capaz de superar quase todos os males – se não por completo, pelo menos boa parte deles.

Sem referenciar pesquisas, é fácil dizer o quanto as questões pessoais, como insegurança, problema de autoestima e ansiedade, atrapalham quase a totalidade das pessoas. E nesse contexto é compreensível

entender porquê alguém que mostra o caminho do equilíbrio da mente é tão adorado. Ele é procurado constantemente por celebridades mundo afora, que precisam dos seus cuidados além dos padrões médicos. Todos de maneira sigilosa. A exceção é o ex-técnico da seleção brasileira Dunga.

Fora das letras e passando ao mundo real, o médico tem realmente a aura diferenciada. Manso, sereno e confiante nas ideias que difunde, em suas palestras costuma repetir quase mantras de conselhos comportamentais. Assim como soam nos livros, as ideias são injeções de ânimo revigorantes, para muitos. Sobre os que consideram as suas obras de autoajuda, a resposta do autor: “Não vejo problema na classificação, desde que não seja dita em tom pejorativo, pois considero que toda leitura que cumpre a missão de autoconhecimento é sim uma ajuda a si”.



Augusto Cury autografa livro da metodologia da Escola da Inteligência, criada pelo autor

Augusto Cury em Natal

O autor de best-sellers esteve em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para ministrar uma palestra, exceção que abriu em sua agenda, com vaga apenas para 2015. Antes do evento, à noite, no Parque Aristófanes Fernandes, na cidade de Parnamirim, ele conversou com pais e crianças da Escola Lápiz de Cor, da capital, que faz parte da rede da Escola da Inteligência (EI), idealizada e comandada por ele.

As mães levaram seus livros para pedir autógrafos. Algumas chegaram com vários exemplares. As crianças, ávidas por conhecer pessoalmente aquele de quem elas escutam os ensinamentos toda semana, correram para abraçá-lo e cumprimentá-lo no corredor. “Olha só, Augusto Cury!”, exclamavam meninas que não tinham mais que seis anos de idade.

Apesar de não ser o planejado, dada a empolgação, os alunos participaram do encontro. E foi para eles que Cury primeiro

se dirigiu, e o fez constantemente, com perguntas que os jovens estudantes respondiam corretamente em coro. O método usa personagens para ilustrar situações. Para a plateia, ele disse que as crianças poderiam vê-lo com o Corujão, um dos que fazem parte dos livros adotados na EI.

O criador renunciou aos direitos autorais do projeto para que mais alunos tenham acesso às ideias, principalmente de escolas públicas. “O objetivo foi transformar a escola clássica em uma escola saudável, onde valores se desenvolvam. Onde é implantada, vemos redução de violência, briguinhas, estresse. Aumentam a capacidade de concentração, de raciocínio lógico, as notas nas provas melhoram”, comemorou o autor em entrevista à Revista Bzzz.

Está no incentivo às boas ações em dos segredos da construção da inteligência emocional. Foi o que explicou o autor com o seguinte exemplo: “Os pais veem seus filhos



pequenos escovando os dentes milhares de vezes por ano e em nenhuma elogiam. Basta eles deixarem de fazer isso uma única vez, que levam bronca”, disse, enquanto os responsáveis expressavam reflexão e os alunos concordavam.

“A proposta é que os pais aprendam a ser transparentes, sentir emoção, a chorar suas lágrimas, porque cedo ou tarde as chorarão, porque não há céu sem tempestade”, diz Cury, que sempre usa frases de efeito. O método propõe que os professores falem sobre emoções. A ideia é “passar da era da informação para a era do eu como gestor da mente humana, estimular os nossos filhos e alunos a gerenciar suas emoções e trabalhar perdas e frustrações”.

“

A proposta é que os pais aprendam a ser transparentes, sentir emoção, a chorar suas lágrimas, porque cedo ou tarde as chorarão, porque não há céu sem tempestade.”





O perigo dos smartphones e redes sociais

O consumismo é um mal combatido constantemente pelo escritor em suas obras. “Temos criado uma massa de jovens que são consumidores irresponsáveis, que não vivem sem smartphones e que querem que o mundo gravite em sua órbita”, lamentou. Em suas palestras, Cury procura falar que em vários países essa educação está doente. É o tempo de parar de encher a cabeça de alunos com dados fechados sobre o mundo.

Por que a ansiedade é o mau do século? “Quando eu lancei o livro que diz que a ansiedade é o mal do século, muita gente considerou estranho por achar que o grande mal era a depressão. Muitas pessoas apresentam os sintomas da síndrome do pensamento acelerado, síndrome que descobri. Em quase todas as empresas que vou fazer conferência, percebo que 80% a 90% dos funcionários precisam descansar em um hotel fazenda, por exemplo”. De acordo com Cury, mesmo as empresas que empre-

gam atividades saudáveis, como ginásticas e terapias, têm empregados estressados porque os seus líderes são estressados. “Ninguém trabalha bem se o seu exemplo de liderança não está otimista. Eles sofrem por antecipação, não conseguem descansar e a produção cai assustadoramente”.

As causas da ansiedade generalizada, segundo o médico, são o volume de informações em primeiro lugar, excessos de trabalho e de games e celulares. Aparelhos com internet viciam. Ele explicou que quando se passa o dia inteiro conectado em redes sociais e aplicativos, a pessoa deixa de estar em contato com si mesmo. A maior preocupação, nesse contexto, são as crianças, que estão sendo viciadas coletivamente.

“Tenho pedido a todos que usem celulares e computadores com critério. Não use à noite em excesso, apenas em alguns períodos, e nem no final de semana, pois prejudica muito a saúde”.

“
Tenho pedido
a todos que
usem celulares
e computadores
com critério.
Não use à noite
em excesso,
apenas em
alguns períodos,
e nem no final
de semana.”

Seres complexos, problemas em excesso

“O ser humano é tão complexo que quando ele não tem problemas, ele os cria”, afirmou Cury sobre a difícil missão – para a maioria – de encontrar mais leveza na vida. Contou que já tratou de “celebridades internacionais, pessoas riquíssimas nas contas bancárias, mas que são paupérrimas”.

As ferramentas para enfrentar esses males são apresentadas em seus livros. Algumas coisas que precisam ser feitas são, segundo os mandamentos do guru: não cobrar excessivamente dos outros nem de si, pois “quem cobra-se demais, está apto para trabalhar numa financeira, mas não para ter uma grande história de amor”.

Segundo ponto: “Quem cobra demais, sabota a inteligência do outro. Claro que deve haver metas, mas toda pressão, crítica e autopunição são totalmente malélicas ao bem emocional e a inventividade livre”.

Em resumo: “Vamos entender que ninguém muda ninguém, você pode contribuir. Distribua elogios e sorrisos. Valorize a pessoa que erra, apesar do erro que ela comete. Diga ‘obrigado por existir’, uma vez que quando elogiamos alguém, fazemos um bem a nós e ao outro”.

Em um mundo hipocondríaco, Augusto Cury defende o pensamento positivo como cura. De acordo com ele, há confusão em todos os países sobre a Síndro-

“**Quem cobra demais, sabota a inteligência do outro. Claro que deve haver metas, mas toda pressão, crítica e autopunição são totalmente malélicas.”**



Augusto Cury concede entrevista em Natal

drome do Pensamento Acelerado e a hiperatividade. “Uma criança com uma mente super acelerada não significa necessariamente que seja hiperativa. Para as que têm o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade é possível ministrar medicamentos para acalmá-las, mas para as 95% das pessoas que parecem ser hiperativas, sem concentração, que repetem os mesmo erros, o tratamento é outro”. A receita é ler, ter contato com a natureza, fazer aventuras, praticar esporte, aprender música para desacelerar pensamento, melhorar a concentração e a vida. Nos adultos, o remédio funciona quando há transtorno do sono, aumento da pressão sanguínea, quando o quadro de ansiedade é mais intenso, assim, são importantes o uso de medicamento e as sessões de psicoterapia.

Sobre os ganhos financeiros e a visibilidade que conquistou nos últimos anos, a resposta de Augusto Cury é modesta: “Não escrevo para fazer sucesso, escrevo para ajudar as pessoas, para que elas vivam melhor”.

Mistérios dos Lettieri

Casarão da Ribeira preserva piso com ladrilhos em formato de cruz gamada que remete ao temido e malvisto símbolo máximo do nazismo

Por Janaína Amaral

Fotos: Francisco José Oliveira, João Neto e arquivos pessoais



O casarão da Rua Câmara Cascudo foi transformado em pub e restaurante, que preservaram a riqueza dos elementos originais do início do século XX

QUEM PASSA PELA RUA Câmara Cascudo, no histórico bairro da Ribeira, depara-se com vários casarões antigos, entre eles o de número 184, imponente, conservado e a placa que anuncia “Consulado Bar”. No térreo, funciona o restaurante-museu do empresário Sérgio Teixeira, no superior, o escritório do historiador Leonardo Barata, proprietário do casarão.

O casarão foi residência do italiano Guglielmo Lettieri, que veio com a família para o Brasil no ano de 1907 e, depois de passar pela cidade do Rio de Janeiro, escolheu Natal, em 1915, para constituir família, que hoje consagra a sexta geração. Na década de 30, ele comandou a única fábrica de gelo da cidade.

A casa foi construída com mão de obra italiana. A imponência começa no pé direito alto, com vigas de trilhos de ferro originadas do século XIX, mesmo componente usado para fazer as estradas de ferro do Rio Grande do Norte. Mas, o que mais desperta a curiosidade na arquitetura é o piso do salão principal, formado por ladrilhos que remetem à cruz suástica, o malvisto símbolo nazista.

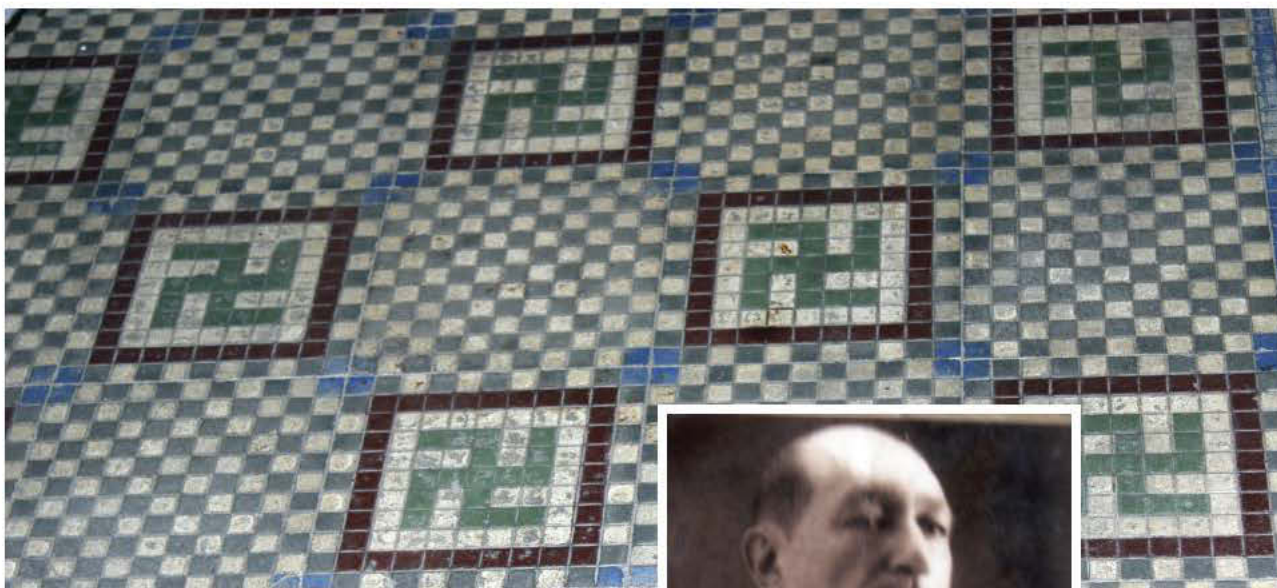
E por que o símbolo da suástica? Segundo o historiador Rostand Medeiros, a suástica “é um símbolo que muitas vezes funciona como uma coisa positiva. Naquele tempo, por exemplo, era usada como propaganda. Existia um posto de gasolina que utilizava esse símbolo, então, o fato de na casa de Lettieri ter o piso como suástica não quer dizer que existia uma predileção pelo nazismo, poderia ser apenas algo que remetia ao bem”.

É fazer as contas: o nazismo ascendeu na Alemanha em 1933, a casa é de 1910. Trabalhar com a hipótese de que Lettieri tenha mudado o piso acho improvável, ele era italiano e eram os alemães que utilizavam a suástica como símbolo nazista. A suástica é utilizada no budismo, no hinduísmo e em outras nações”, explica.

Desde que foi adotado como logotipo do Partido Nazista de Adolf Hitler, a suástica passou a ser associada ao fascismo, ao racismo, à supremacia branca, à II Guerra Mundial e ao Holocausto. Na maior parte do Ocidente, vários povos adotavam a suástica como representação do bem, pontua o historiador.

Guglielmo Lettieri foi escolhido representante consular do governo italiano em Natal. No posto, recebeu e apoiou os aviadores italianos Arturo Ferrarin e Carlo Del Prete, em 5 de julho de 1928, que realizaram o primeiro voo sem escala entre a Europa e a América do Sul e pousaram na praia de Touros, a cerca de 80 quilômetros ao norte da capital potiguar, após um voo de mais de 49 horas.

Ficou ao seu cargo, em 1931, recepcionar a esquadrilha que trouxe a Coluna Capitolina, uma coluna originária do Monte Capitólio, em Roma, que o ditador Benito Mussolini presenteou ao povo do Rio Grande do Norte em agradecimento pela boa acolhida oferecida aos aviadores italianos. Monumento que foi por vezes considerado um símbolo fascista e, em 1935, durante a Intentona Comunista, chegou a ser derrubada.



O piso com as suásticas são preservados no casarão

Com a Segunda Guerra Mundial, Lettieri e mais três pessoas - Luck, Burges, Weberling - foram acusados de espionagem, de serem informantes do Eixo (grupo formado pela Alemanha, Itália e Japão) e fascistas. Terminaram condenados a 14 anos de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional, sentença do juiz Eronides de Carvalho. No dia 25 de Junho de 1942, a notícia da prisão foi publicada nos principais jornais. Foram anistiados ao fim da guerra.

“Essas pessoas presas vieram morar em Natal bem antes da guerra e durante o conflito eles não se colocaram como brasileiros, mantiveram sua nacionalidade. Em Parnamirim, estava sendo construída a maior base americana fora dos Estados Unidos e a Rampa já recebia pilotos e aviões americanos. Natal estava sendo construída e todos esses fatos fizeram com que eles fossem condenados e considerados espiões”, relata Rostand, pesquisador e escritor do tema Segunda Guerra Mundial.

Informa que muitos italianos vieram para o Rio Grande do Norte no século XX trabalhar na construção da estrada de ferro central, do outro lado do Rio Potengi, em direção ao município de Lajes. “Não sei se Lettieri participou dessa construção, mas muitos italianos e espanhóis vieram para Natal nesse tempo devido a essa oferta de trabalho”.



O italiano Guglielmo Lettieri chegou em Natal em 1915, onde foi cônsul da Itália



Marcas das empresas Lettieri

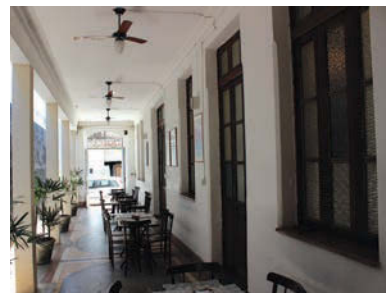
Reza a lenda que foi na então casa que representava o consulado italiano que o historiador Câmara Cascudo recebeu a Medalha do Rei Vittorio, uma lata condecoração fascista. Após a morte de Guglielmo Lettieri, a família vendeu o imóvel à Bolsa de Valores do Estado, que funcionou por muitos anos no local.

Casarão que virou bar e restaurante

E a história ficou guardada na memória da família Lattieri, no casarão e nas pesquisas. A casa, que estava em processo de depredação, foi comprada pelo historiador Leonardo Barata, que apresentou o espaço aos irmãos empresários Sérgio e Ricardo Teixeira. Os dois, interessados na revitalização do boêmio bairro, abriram um bar, que deram o nome de Consulado, no resgate da história. Reformaram parte do ambiente, com zelosa adaptação para dar estrutura ao bar. Uma espécie de bar-museu. Os belos afrescos florais nas paredes foram limpos para serem vistos. As partes em madeira entalhada, com lambris, portas, arcos, janelas, foram lixadas, envernizadas e receberam cera de carnaúba. A sala com ladrilhos de suásticas foi isolada, protegida por um tapete.

Os irmãos colocaram em funcionamento no casa-

rão, inicialmente, uma espécie de pub, para quem gosta de sair à noite, mas, com a sazonalidade do movimento da clientela, decidiram abrir somente para almoço, em sistema de self-service, com o nome de Consulado. “Queríamos investir na Ribeira, essa parceria com Leonardo está dando certo. Tudo aqui é preservado, até porque o prédio é tombado. Tivemos que fazer uma pequena reforma para climatizar. Pelo fato de ser tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são muitos detalhes que às vezes levam tempo para tudo funcionar como pretendemos. Gostamos e sabemos da importância desta casa, todos os quadros são referenciais da 2ª Guerra Mundial, por isto decidimos, inclusive, preservar o nome Consulado. Todos os frequentadores despertam o interesse pela história desse Casarão”, discorre Sérgio.



Os ambientes do casarão deram lugar ao restaurante, mas muito foi preservado: os quadros da 2ª Guerra Mundial, os florais das paredes e a madeira das portas e arcos



Elinete Littieri Pinto

Família Lettieri

Dos herdeiros, conversamos com uma das netas de Guglielmo, a professora aposentada Elinete Matoso Lettieri Pinto. Ela não soube detalhar sobre o avô, era muito pequena na época, mas considera importante preservar a memória da família. É filha de Galileu Lettieri e tem mais seis irmãos. O avô e o pai morreram de infarto.

Elinete diz que seu avô era comerciante e gostava muito de cozinhar. “Ele fazia um porco assado com uma maça na boca que eu ficava admirada. Eu devia ter uns 9 anos”. Conta que ele foi condecorado com o título de Cavaleiro do Rei. “Era um comerciante sagaz”, afirma. Com documentos históricos, mostrou que era dono do Armazém G Lettieri, que ocupava três galpões da Rua Chile, 106, 109 e 110, onde vendia alimentos a grosso e a varejo, além de bebidas como vinho e uísque e cereais. “Um dos galpões funcionava a Casa da Ribeira”, revela.

Lettieri também possuía uma fábrica de gelo, uma cantina e uma fábrica de refrigerante, o Guaraná Royal, que funcionava na Rua Felipe Camarão, Centro. Também teve uma fábrica de vassouras, chamada Leque, na Rua Chile. “Ninguém da nossa família é comerciante, somente meu filho, que pertence à sexta geração”.

Dono de fazenda onde hoje é o bairro de Potilândia

Elinete não sabe o que motivou a venda do casarão na Ribeira. Além de muito nova na época, assuntos dessa natureza não eram compartilhados com as crianças. A fase que ela recorda é da fazenda local, onde a família costumava a ir aos finais de semana. “Quando vovô vendeu a casa na Ribeira, veio morar em Potilândia, o bairro inteiro era a fazenda dele. Lembro que a casa principal ficava onde hoje funciona o Sesc de Potilândia. Era muito grande e ele plantava eucalipto para espantar os mosquitos. Tinha também um mini zoológico lá dentro, com veado, passarinhos, cavalos. Íamos muito, eu gostava bastante”, recorda.

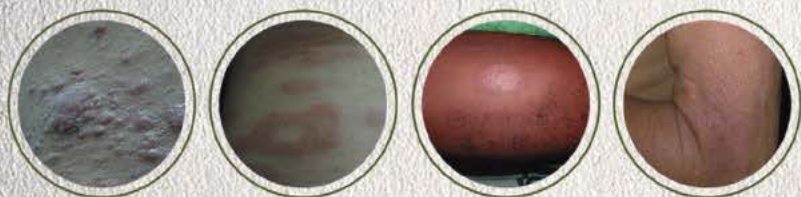
Conta que o avô se casou três vezes, mas ela não conheceu nenhuma das três esposas. “Com a primeira esposa, Concita Lettieri, eles tiveram duas filhas, Argentina e Alzira. Com a segunda esposa, Ângela, tiveram três filhos, Galileu Pedro, Iolanda e Concita. Com o falecimento de Ângela, que não resistiu ao parto, Lettieri se casou com dona Júlia, que já tinha uma filha e ele adotou, que se chama Josélia. Depois adotaram um menino, Emanuel. Todos os filhos de vovô já faleceram”, relata Elinete.

A família está na sexta geração e todos preservam o sobrenome italiano Lettieri. Elinete e outros membros da família já foram à Itália conhecer os descendentes. “Faz uns cinco anos que fomos à Itália. A maioria de nossos familiares italianos é de comerciantes como vovô. São pessoas agradáveis, pretendemos retornar com mais tempo”.

“Na minha infância tudo era mais severo, acredito que pelo fato de eu ser mulher não era conversado esse tipo de assunto. Papai faleceu faz 12 anos, de infarto, e nunca nos aprofundamos sobre esses detalhes”, explicou.

HANSENÍASE TEM CURA

PROCURE SABER
SE VOCE TEM A DOENÇA.
PROCURE
TRATAMENTO.



Se você tem algum desses sinais,
pode ser hanseníase. Como a doença
é transmissível, familiares que moram
juntos devem ser examinados.

PROCURE UMA UNIDADE DE SAÚDE.
O TRATAMENTO É DE GRAÇA.

TeleHansen 0800 026 2001

Melhorar sua vida, nosso compromisso.



Ministério da
Saúde



A close-up portrait of Haroldo Azevedo, an older man with grey hair and glasses, wearing a light blue button-down shirt. He is looking down and to the left. The background is slightly blurred, showing a swimming pool and palm trees.

O FAZEDOR DE CAPITAL

Expert no ato de empreender, Haroldo Azevedo foca na água de coco e desbrava o mercado internacional

Por Octávio Santiago
Fotos: João Neto

A PERGUNTA INUSITADA FOI feita por um representante de colchões hoteleiros. Ele queria saber o quão difícil era viver numa cidade pequena como Natal com tantas pessoas com nome e sobrenome iguais aos dele. Afinal, existia um Haroldo Azevedo empresário da construção civil, outro que atuava no ramo da radiodifusão, além do próprio senhor homônimo, do setor turístico, com quem realizava negócios. Foi aí que ele descobriu que, na verdade, havia apenas um: Haroldo Cavalcanti de Azevedo, engenheiro civil, casado com Ana Lucia, pai de quatro filhos e avô de seis netos, que atuava nas três diferentes áreas com o seu grupo empresarial.

O representante de colchões certamente ficaria ainda mais surpreso se soubesse que hoje em dia o alcance da atuação do empresário está maior, fazendo com que o seu nome se destaque em outros campos além dos já conhecidos e, agora, numa escala internacional. A nova aposta de Haroldo é a água de coco. A bebida em si e os pro-

duto que podem ser feitos a partir das suas propriedades. Porém, diferentemente dos setores nos quais já empreendia, o destino das novas produções é o mercado externo. Atento às oportunidades lá fora, ele decidiu se livrar de amarras comerciais brasileiras e ganhar o mundo.

A água de coco Just Coco é a nova menina dos olhos do empresário potiguar. Pura, sem conservantes e com vários certificados do exigente mercado internacional, a bebida, comercializada em embalagens com até um litro, conquista espaço nos Estados Unidos. Ele conta que a uniformidade e a qualidade dos cocos são os grandes diferenciais do produto. A fazenda da plantação é na Paraíba, onde também está instalada a fábrica, para que o processamento industrial se inicie logo após a colheita. Com sistemas totalmente mecanizados, a água é processada pela técnica UHT, utilizando avançada tecnologia que permite preservar o sabor e as propriedades nutritivas da bebida.



A água de coco Just
Coco ganha espaço
nos Estados Unidos



Vendido nas lojas El Corte Inglés, o hidratante Dermacoconut Spray é preparado à base de água de coco

A Just Coco, no entanto, não é comercializada no Brasil. O grupo está focado exclusivamente no gigantesco mercado norte-americano, que é numericamente o maior do mundo. “Sempre procurei uma oportunidade de negócio nos Estados Unidos. Apesar de a concorrência ser muito acirrada, vi na comercialização da bebida um nicho de mercado, até pelo fato de a água de coco brasileira ser considerada uma das melhores do mundo”, explica Haroldo, defensor da tese de que, num futuro próximo, a água de coco produzida no país será uma referência mundo afora, assim como já são o vinho espumante francês, o bacalhau norueguês e o caviar iraniano do Mar Cáspio.

“São sistemas, procedimentos, normas e métodos bastante diferentes. O governo americano respeita o cidadão e o lucro é divulgado com orgulho. A empresa que tem lucro é reverenciada pelo mercado e pela sociedade. Aqui no Brasil, lucro é sinônimo de algo errado”, comenta o empreendedor, que inaugurou a ponte aérea Natal-Miami, onde compartilha momen-

tos em família e observa as novidades do mercado para ampliar horizontes.

Outra novidade arrojada do grupo é o Dermacoconut Spray, um hidratante à base de água de coco que tonifica, suaviza e amacia a pele, com forte poder de hidratação. “É um produto único no mundo, pois não utiliza simplesmente a água termal, que jorra aos bilhões de litros das fontes, como fazem as concorrentes”, defende. O produto hoje é fabricado na Espanha, onde é vendido nas lojas El Corte Inglés, uma das franquias de departamento mais famosas do mundo. Em Portugal, as vendas são na rede Supercor e em várias farmácias espalhadas pelo país.

O spray será comercializado dentro de três meses no Brasil. Também estão nos planos do empresário a ampliação da linha de cosméticos elaborados a partir da bebida e a inclusão de países como Suíça e Inglaterra entre os seus consumidores, fortalecendo ainda mais a participação o grupo Haroldo Azevedo no vasto e promissor mercado internacional.

A história por trás do HOMEM DE NEGÓCIOS



Tanta versatilidade e dedicação renderam a Haroldo Azevedo o título de “um homem chamado trabalho”. Ou “capitão de empresas”. Os mais próximos o definem como “amigo dos amigos”. Já ele mesmo se diz viciado no labor, exigente, perfeccionista e plugado 24 horas, capaz de decidir a qualquer momento e de qualquer lugar, por meio da internet. Decisões excepcionais, diga-se, já que o dia a dia é delegado aos filhos e aos executivos do grupo que leva o seu nome. Na intimidade, assume ser um hipocondríaco com horários rigorosos para dormir e acordar. Também conta que adora viajar e conhecer novas culturas e costumes.

Haroldo tem no saudoso pai, o ex-tabelião Alínio Azevedo, seu ídolo maior. O empresário afirma que foi dele que recebeu as melhores lições de vida. Já da mãe, herdou outra característica pessoal: a organização. A infância foi normal, a adolescência, privilegiada. Até porque ele possuía o melhor carro da cidade, um Karmann Ghia, dado de presente pelo pai. De formação religiosa, encorpada pelos seis anos de primário no Colégio Salesiano, é desses que não conseguem dormir sem rezar. Seja por Nossa Senhora da Conceição ou São Judas Tadeu. O científico, antigo Ensino Médio, foi no Colégio Marista de Recife, onde iniciou os estudos de Engenharia Civil na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluídos mais tarde na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). “Passei em último lugar”, revela.

Aos 20 anos, ainda estudante universitário, iniciou sua carreira de construtor. A primeira grande obra foi a construção de 1.100 casas das Vilas Rurais, na Serra do Mel, durante o governo Cortez Pereira. Depois disso, ergueu quase 20 mil casas populares para Inocoop e Cohab, por intermédio dos programas do antigo Banco Nacional da Habitação (BNH). Hoje, o foco são os condomínios clubes, proposta residencial que caiu na graça das famílias potiguaras.

Na vida pública, exerceu o cargo de secretário de Turismo do Estado, no qual diz ter aprendido a otimizar o tempo, ouvir e ser mais paciente. À época, a ocupação hoteleira no Rio Grande do Norte cresceu 25% e 14 voos charters internacionais foram captados para o estado, além da linha regular entre Natal e Lisboa. Sobre a experiência, Haroldo é objetivo: “O serviço público é desgastante pelo engessamento burocrático”.

O empresário também foi suplente de senador do ex-governador Geraldo Melo, pelo PSDB, entre os anos de 1995 e 2003, porém, ele conta que a política nunca foi um projeto. Um dos seus herdeiros, Haroldo Filho, foi candidato a vice-prefeito de Natal em 2012, na chapa encabeçada pelo tucano Rogério Marinho. Haroldo afirma que apesar de o filho gostar muito de política, não o incentivou. “Foi uma experiência interessante para ele, pois conheceu muita gente, os problemas e as soluções da cidade, perdeu a inibição e aprendeu a falar em público”, explica o construtor, que optou por manter uma distância saudável entre a política e os negócios.



Cinco perguntas para Haroldo Azevedo

Revista Bzzz: Por que passar mais tempo em Miami que em Natal?

Haroldo Azevedo: O que mais me atrai nos Estados Unidos é a segurança, as regras claras e bem definidas, e o respeito ao cidadão. Possuímos segunda residência em Miami há quase vinte anos. Além do mais, aprendo bastante até em observar o mercado e suas tendências. Foi o país onde eduquei parcialmente meus filhos e agora os netos. São norte-americanos nossos seis netos. Não foi coincidência, foi uma opção, uma determinação. Um primeiro presente que pude proporcionar a um neto. A possibilidade deles poderem amanhã escolher uma cidadania e decidir onde pretendem trabalhar e viver.

O empresário Flávio Rocha disse uma vez que o Grupo Guararapes estava sendo expulso do RN por hostilidade dos governos em relação ao setor industrial. Você concorda com essa declaração?

O empresário Flávio Rocha, de quem sou um admirador, tem toda razão. Flávio também falou que existe uma espécie de rancor ideológico que faz também do RN um lugar hostil a quem emprega. Infelizmente é uma verdade. Veja quantos projetos turísticos, imobiliários, indústrias e investimentos nosso estado perdeu nos últimos anos pelas imensas dificuldades criadas pelo IBAMA, SPU e pela ação de outros órgãos e entidades ambientalistas. É um jogo bruto contra novos investimentos, contra o capital. O Brasil precisa da geração de empregos, impostos e renda!

Como a Rádio Cidade FM encarou o processo de digitalização do rádio?

As rádios AM terão uma qualidade de som semelhante às rádios FM e as FM uma qualidade semelhante aos CDs. Porém, ainda existem indefinições por parte do Ministério das Comunicações. Na prática, o rádio digital não tem tido boa aceitação



A esposa Ana Lucia (detalhe), os quatro filhos e os seis netos em registros do álbum de família de Haroldo

mundial. O sistema IBOC apresenta um custo menor de implantação e a vantagem de o ouvinte continuar sintonizando o seu rádio nas mesmas frequências das rádios AM e FM atuais, embora em qualquer sistema seja necessário comprar um novo receptor de rádio, digital, para uma melhor recepção.

E o Grupo Haroldo Azevedo em relação à crise imobiliária?

Eu reconheço a existência de uma bolha imobiliária em alguns mercados brasileiros. Em Natal, devido aos poucos lançamentos nos últimos meses, o mercado já está em fase de acomodação. Porém, fomos pioneiros como incorporadores nos lançamentos imobiliários na forma de condomínios clubes, como o Paradise Gardens e o Paradise Village, no bairro de Capim Macio. Só trabalhamos com recursos próprios. Daí

executarmos só uma obra de porte razoável por vez. Também defendo muito as parcerias.

“
Fomos pioneiros como incorporadores nos lançamentos imobiliários na forma de condomínios clubes.”

Você foi hoteleiro durante muitos anos. O que o fez deixar a atividade turística?

Nosso grupo empresarial optou por focar mais nos empreendimentos imobiliários e novos negócios. Outro fator foi um crescimento desordenado da hotelaria, com a abertura de dezenas de hotéis, flats e pousadas, sem haver um real aumento da demanda hoteleira. As quebras de companhias transportadoras como a Varig, Vasp e Transbrasil e a consequente diminuição da malha aérea e o cancelamento de quase todos os voos charters também contribuíram. O RN está há muito tempo sem absolutamente fazer nada de promoção, divulgação e marketing do turismo. Nossos prédios hoje são alugados para secretarias municipais de Natal.

FÉ E DEVOÇÃO

Igreja construída pelo imortal brasileiro Murilo Melo Filho foi transformado em Santuário Mariano e acolhe milhares de fiéis ao pingo do meio-dia

Por Tiana Costa
Fotos: João Neto



O MOVIMENTO ERA INTENSO na sacristia da Paróquia Santuário de Nossa Senhora de Fátima, no último dia 13 de março, por voltas das 11h30, quando cheguei à procura do padre João Maria, administrador da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Eram os preparativos para a missa celebrada mensalmente, todo dia 13, ao meio-dia, faça chuva, faça sol.

Antes da missa, o padre recebe os fiéis para confissão. Fui recebida por um padre que se mostrou um homem dedicado, feliz e realizado pelo trabalho que faz com o seu rebanho. A entrevista, marcada no dia anterior, foi para contar a história do primeiro santuário mariano de Natal, capital potiguar. “É uma longa história e, para mim, um motivo de alegria”, confessou.

A capela de Nossa Senhora de Fátima, localizada no conjunto Parque das Dunas, bairro de Pajuçara, na zona Norte, foi idealizada e construída pelo ilustre potiguar Murilo Melo Filho, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia de Letras do RN, e inaugurada no dia 13 de maio de 2004, dia de Nossa Senhora de Fátima. “Doutor Murilo construiu essa capela para pagar uma promessa que ele fez em 1968 e só cumpriu 36 anos depois. Mas ele não revela qual foi a promessa” revela o padre, amigo e admirador do acadêmico.

Quando a capela começou a ser erguida, padre João Maria do Nascimento era pároco da igreja do município de Barra de Maxaraguape, na região Agreste. No dia da missa de inauguração, celebrada pelo monsenhor Lucas Batista, ele estava presente. “No meio da missa, monsenhor Lucas disse: ‘O pároco dessa futura paróquia está no meio da gente. É o padre João Maria’. Foi uma declaração espontânea que me pegou de surpresa”.

Padre João Maria acompanhou de perto a construção da igreja. “Quando ela estava sendo construída, um grupo de evangélicos fez uma grande cruz usando sal, no centro da igreja. O fato deixou os fiéis da comunidade muito preocupados e receosos. Eles me chamaram para mostrar. Daí, eu disse: vocês estão esquecendo de uma coisa: o sal dá sabor aos alimentos. Vocês não sabem o sabor que esse sal vai dar à igreja”, conta.



No início de 2005, perto de concluir o curso de administração, o sacerdote foi transferido para a Paróquia de Sant'Ana, no conjunto Soledade II, também na zona Norte. A então capela de Nossa Senhora de Fátima fazia parte desta paróquia. “O pároco de Sant'Ana era padre Chagas. Eu pedi a ele para celebrar todo dia 13, ao meio-dia, na capela de Nossa Senhora de Fátima, uma missa em honra à Maria”.

No dia 13 de março de 2005, às 12h, foi realizada a primeira missa. “A celebração foi muito tímida, pois ainda não era de conhecimento do povo. Mas, no mês seguinte, em 13 de abril, a igreja já estava com todos os bancos completos. No dia 13 de maio, quando nós celebramos o dia de Nossa Senhora de Fátima, a igreja já não cabia. Ficou gente até do lado de fora”. Na época, não tinha a estrutura de tendas como tem hoje para abrigar quem fica no sol. “Era tudo ainda muito precário. Mas, ninguém reclamou”.

Em julho de 2005, o então arcebispo de Natal, dom Matias Patrício, transformou a capela em área pastoral de Nossa Senhora de Fátima. Na Igreja Católica, antes de uma comunidade ser paróquia, passa a ser área pastoral. Padre João Maria foi escolhido o administrador da área pastoral do conjunto Parque das Dunas.

Nove meses depois, no dia 30 de maio de 2006, foi efetivamente criada a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. As missas do dia 13 atraíam cada vez mais um grande número de fiéis. “Começaram então a chegar testemunhos



Pe. João Maria, pároco da igreja

de fiéis. As pessoas relatavam graças que alcançaram por intercessão de Nossa Senhora. São muitos testemunhos. No ano passado, mais precisamente no dia 13 de outubro – dia da última aparição de Nossa Senhora de Fátima -, o nosso arcebispo metropolitano dom Jaime elevou a matriz à categoria de santuário”. Por coincidência, 13 de outubro é o dia do aniversário do acadêmico imortal. Hoje o local é a Paróquia Santuário de Nossa Senhora de Fátima. “Murilo Melo Filho fez um grande bem a essa comunidade. Aos devotos de Maria. Aos católicos em geral”.



Padres celebram o ritual sagrado da Igreja Católica





Fieis acompanham incansáveis a missa que dura cerca de quatro horas

Sol que não intimida a fé

A missa é realmente um momento especial, de devoção e fé. Apesar da chuva que tomou conta da cidade no dia da reportagem, pude testemunhar a participação calorosa dos devotos de Maria. A celebração dura cerca de três horas e meia a quatro horas, num horário nada convencional. “É um fenômeno. Às vezes fico me perguntando como é que as pessoas vêm. A missa começa ao meio-dia, mas termina três e meia, quatro horas da tarde. Quando digo que a missa está chegando ao fim, muitos acham ruim. Eles querem mais”, diz satisfeito o sacerdote.

O número de fiéis oscila, mas sempre lota a área interna da igreja. “Quando o dia 13 cai num

domingo, passa de cinco mil o número de pessoas que participam da celebração”. Muitas pessoas vêm do interior do Estado para a ocasião. “Não é uma missa de cura e libertação. É uma missa devocional à Nossa Senhora de Fátima. É um encontro que as pessoas têm com Nossa Senhora. O olhar da Mãe para a comunidade, para o seu povo”, explica.

Entre as participantes mais atuantes, Maria das Dores do Nascimento, 83 anos, mãe do padre João Maria. “Sempre venho e só perco quando estou no interior. Me sinto muito bem aqui. Sou devota de Nossa Senhora e fico feliz em ver meu filho celebrando uma missa tão bonita como esta”, festeja a mãe orgulhosa.

Porque ao meio-dia?

Em 2003, ao completar quatro anos de ordenação, padre João Maria foi visitar o Santuário de Fátima, na Cova da Iria, freguesia de Fátima, em Portugal. “Cheguei em Fátima exatamente no dia que eu estava completando ano de ordenado. Viajava com um colega e disse: vou celebrar uma missa em Fátima. Seria impossível, diante da rigidez na programação antecipadamente planejada. “Nossa Senhora já providenciou, disse a ele (colega)”. E como aquele é um lugar onde a fé leva a aparições divinas.

Ao chegar no santuário, o padre potiguar foi à secretária expressar sua vontade de celebrar

uma missa ali, naquele no dia do aniversário de sua ordenação. “A secretária me disse que a missa seria celebrada por um padre polonês, mas ele havia enviado um fax de última hora comunicando que não ia ser possível chegar a tempo. Daí ela me pediu para celebrar, já que eu estava comemorando a minha ordenação”. No santuário tem missa, diariamente, ao meio-dia. E assim aconteceu o milagre da celebração. “Naquele momento, prometi para mim mesmo: no dia em que for padre de uma paróquia que tiver uma capela de Nossa Senhora de Fátima, celebrarei uma missa ao meio-dia, todo dia 13”. E assim se confirma.



Parte externa do Santuário Mariano

O desejo de construir a igreja

“Dr. Murilo me contou que quando a mãe estava muito doente, pediu para ele nunca se desfazer da casa em que ele nasceu, porque foi um bem adquirido com muito sacrifício pela família. A casa fica na Rua Apodi, no bairro do Tirol (Natal). Dr. Murilo, preocupado em como manter a casa,

já que tinha outros herdeiros, comprou a parte de todos, vendeu a casa e com o dinheiro construiu a igreja. Foi o meio que ele achou de perpetuar o desejo da mãe. Ele faz questão de lembrar que essa não é a promessa. Ele perpetuou o desejo da mãe e pagou sua promessa, mas esta ele não revela”.

O brasileiro que desarmou Fidel Castro

Por falar em promessa de Murilo Melo Filho, ele foi o único que testemunhou um colega jornalista “roubar” o revólver do revolucionário cubano Fidel Castro. Foi no longínquo março de 1960, quando Jânio Quadros, então candidato da oposição à Presidência do Brasil, desembarcou em Havana, capital de Cuba, acompanhado de figuras do janismo e jornalistas. No jantar de congratulações, Fidel foi ao lavabo e esqueceu sobre a caixa da descarga o cinto com o revólver no coldre. Ao chegar à sua casa, após o repasto, deu-se conta da falta da arma. Mandou buscar, mas o lugar estava vazio. “O homem ficou uma fera”, lembra Murilo. Ele deu um prazo de 24 horas para a arma aparecer. Aconteceu 48 horas depois. Revólver que foi presente do então chanceler da União Soviética, com inscrição na plaqueta de ouro incrustada no cabo: “Ao herói do povo cubano, a amizade de Anastas Mikoyan”.

Amizade com o acadêmico

Talvez não seja a promessa que Murilo fez para a construção da capela. Talvez sim. Bom, mas continuando sobre o santuário, padre João Maria conta que sua ligação com o acadêmico foi por meio da obra que ergueu a igreja. “Quando tomei conhecimento da construção, sabia que era um jornalista que estava à frente, mas não o conhecia. Fomos nos comunicando até o ponto de hoje a gente ter uma afinidade, uma grande amizade. Ele diz que eu sou o guardião da igreja. E eu digo que ele é o padrinho. O cumprimento da promessa dele foi ao encontro do meu desejo de estar à frente de uma paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Pra mim, o dia 13 é um dia especial”.

Sempre que Murilo Melo Filho está de férias em Natal, assiste à missa de domingo na paróquia do Santuário de Nossa Senhora de Fátima. “Ele vem lá da praia de Cotovelo, onde veraneia, para a missa aqui à noite. Ele participou de uma missa do dia 13 e ficou encantado com a celebração”.



Foto: Larissa Soares

Murilo Melo Filho, o imortal potiguar da ABL que construiu o templo 36 anos após a misteriosa promessa

O autor da audácia entregou o revólver ao embaixador do Brasil em Cuba na época, Leitão da Cunha, com a condição do sigilo sobre o seu nome. E assim foi feito. O embaixador levou o segredo para o túmulo. Hoje, apenas Murilo sabe quem foi o “gatuno”, mas ele fez uma promessa para nunca revelar quem foi o jornalista brasileiro que conseguiu a façanha sonho de consumo dos americanos nunca realizado: desarmar Fidel.

Celebração

A missa começa com a leitura dos testemunhos, seguida por um momento de louvor à Maria. Após, a imagem de Fátima entra na igreja e os fiéis fazem uma oração aos pés da santa. O manto de Maria é retirado e passeia por cima dos presentes. “Todo mundo que está na igreja faz questão de ficar embaixo do manto de Maria. É um momento bem expressivo”, comemora padre João Maria.

Paróquia de Nossa Senhora de Fátima

Rua da Garoupa, 01 - Conj. Parque das Dunas IV - Bairro Pajuçara

(84) 3663-2166

Horário de missas (além da missa mensal)

- Domingo - 7h, 19h30
- Terça à sexta-feira - 19h30

DINHEIRO PÚBLICO JOGADO AOS PORCOS

O que deveria ser o Hospital Terciário de Natal é hoje o retrato do descaso, do desperdício do dinheiro do povo. As obras foram paralisadas há 24 anos, após o gasto de R\$ 25 milhões. Perguntas continuam sem respostas de governantes e órgãos fiscalizadores

Por Geraldo Miranda

Foto: Francisco José de Oliveira





O ACESSO É DIFÍCIL, o local é ermo e perigoso. O cenário esconde um esqueleto abandonado há 24 anos, às margens da Avenida Capitão-Mor Gouveia, ao lado de um bairro pobre da capital potiguar. Mais parece um prédio atingido por bombardeio. É o que restou das obras do que seria o Hospital Terciário de Natal, que, inicialmente, iria oferecer 150 leitos para pacientes com câncer de Natal e da Região Metropolitana. Mais um caso da extensa lista de dinheiro rasgado, enquanto o povo amarga as mazelas dos benefícios previstos e não executados. E a história segue recorrente na sequência de impunidade para responsáveis pelos prejuízos.

Iniciadas no ano de 1990 no então governo de Geraldo Melo, as obras que consumiam cerca de R\$ 25 milhões foram paralisadas em 1991, após o Tribunal de Contas da União detectar superfaturamento. A partir daí, foram definitivamente abandonadas pelo governo estadual. Em 2008, o TCU fez uma vistoria e constatou destruição “por intempéries e vandalismo”. Ferros foram retirados para vender, louças dos banheiros e outros equipamentos, idem.

Somando as ações que absorveram 25 milhões de reais, o pagamento saiu para 18 medições e para a execução das obras que já estavam em 48% concluídas. Simultaneamente, seriam construídas a Unidade Mista de Saúde de Capim Macio, com 50 leitos, e a Unidade Mista de Saúde de Igapó, também com 50 leitos. Ano (2008) em que o governo disse que não havia interesse de retomar as obras. O contrato com a construtora Andra de Gutierrez expirou-se em março de 2005, mas não houve rescisão formal, mesmo que, em 2007, o Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAFI), do Tesouro Nacional, registrou o término da vigência.

Do início das obras até os dias de hoje, passaram vários governantes e as obras continuaram paralisadas: Geraldo Melo (1987-1991), José Agripino (1991-1994), Vivaldo Costa (2 de abril de 1994 a 1º de janeiro de 1995), Garibaldi Alves Filho (1995-1999/1999-2002), Fernando Freire (6 de abril de 2002 a 1º de janeiro de 2003), Wilma de Faria (2003-2007/2007-2010), Iberê Ferreira (31 de março de 2010 a 1º de janeiro de 2011), Rosalba Ciarlini, que assumiu no dia 1º de janeiro de 2011 e está no último ano do mandato.

E as perguntas sobre a não conclusão seguem sem respostas. O local hoje parece um cenário de filme apocalíptico. A vegetação contrasta com as ruínas, que ameaçam desabar a qualquer momento. Em vez de hospital para curar e tratar, transformou-se em ponto de riscos à saúde. Pública, inclusive. A área foi tomada por usuários de drogas e mendigos. Até crianças a reportagem flagrou portando armas brancas. E não é difícil identificar o produto consumido ali. São rastros de pedaços de latas, vidros, garrafas e cachimbos artesanais, conhecidos como “maricas”, para o consumo de crack em clareiras montadas nos escombros.

Em meio ao cenário desolador, a equipe da Bzzz encontrou um catador de lixo, 36 anos, que atravessava o local para ir à sua casa, na Comunidade do Japão, no bairro do Bom Pastor, zona Oeste de Natal. Ele explicou que é “mais fácil percorrer as ruínas, mesmo com os riscos de acidente, do que dar um volta pelo local devido a sua distância”. Alguns metros depois, já no trecho que fica às margens do Conjunto Praia Mar, existe um criatório irregular de porcos, com os animais misturados ao lixo acumulado dentro das estruturas do esqueleto do hospital. A fedentina chega até às casas dos moradores da Rua da Carpa, no conjunto habitacional que tem nome de paraíso: “Praia Mar”.

O proprietário dos animais, que pediu para não ser identificado, está há seis anos na área, onde já criou cerca de 20 porcos. “Encontramos as estruturas sem nenhuma utilidade, só víamos gente fumando crack e juntando lixo, daí resolvi dar outra utilidade ao local. O que começou com um porco chegou a 20. É melhor usar a estrutura para algo útil, do que roubar ou usar drogas”, argumentou.





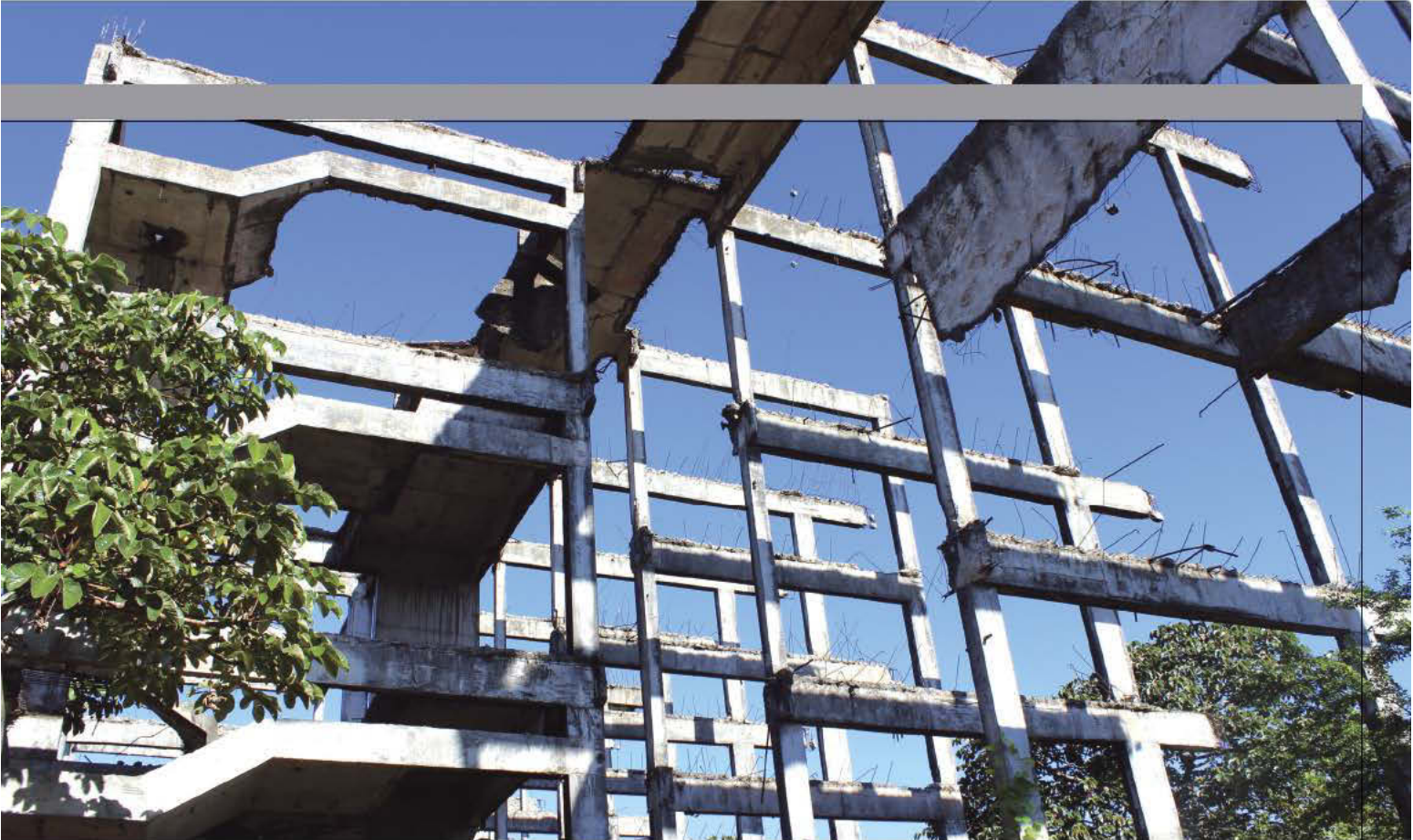
Restos de materiais servem de cercas improvisadas para abrigar animais. No local onde deveria existir um hospital, há galinhas, jêgues, cavalos e até porcos



Cercas fazem as vezes de varais pelas pessoas que habitam o terreno. À esquerda, o catador de lixo que coleta objetos descartados, uma prática comum no local



Lixo acumulado e veículos de tração animal tomam conta do local, formando um cenário de riscos aos frequentadores e à saúde pública



Desperdício sem resposta

No ano de 2003, o Tribunal de Contas da União (TCU) abriu o procedimento de número 1.28.000.000226, mas arquivou em 2011, reconhecendo, por meio de nota, a “impossibilidade de responsabilizar os gestores que estiveram à frente da pasta envolvida com a obra, ou mesmo os governantes, vez que durante essa paralisação, período em que se verificou o descaso com o bem público, tanto o Estado do RN quanto a Secretaria Estadual de Saúde Pública (Sesap), entes envolvidos nas obras, passando por várias administrações e impedindo que se atribua o dano a um único responsável”.

A Corte de Contas concluiu que a responsabilidade pelo dano deveria “recair sobre o Estado do Rio Grande do Norte” e reforçou que a situação foi complicada desde a primeira intervenção, no ano de 1996, diante da “dificuldade de obter dados autênticos que permitissem firmar alguma culpabilidade entre os fatos constatados e a conduta dos gestores ao decorrer dos anos”. Entre as conclusões do acórdão, pululava a de “determinar ao Ministério da Saúde (MS) que realize tratativas junto ao Es-

tado do Rio Grande do Norte para solucionar a questão da devolução dos recursos federais aplicados na construção do Hospital Terciário de Natal, não existindo mais interesse do Estado em sua conclusão”. Mas não saiu das borbulhas de intenções.

Enquanto isso, o arquivamento do procedimento que tramitava no Ministério Público Federal (MPF) foi analisado e homologado pela 5ª Câmara de Coordenação e Revisão, em Brasília, que trata dos procedimentos ligados ao Patrimônio Público e Social. No entanto, o Ministério Público Estadual (MPE) remeteu ofício destacando a obra e outros prédios a serem investigados pelo Ministério Público de Contas.

Atual procurador-geral de Contas do Rio Grande do Norte, Luciano Ramos informou que instaurou um Procedimento Investigatório Preliminar sobre os prédios e, nesta primeira fase, serão requeridas informações oficiais aos órgãos responsáveis, incluindo o Hospital Terciário de Natal. Ou seja, nem tudo, ainda, está perdido. Nem tudo está entregue, apenas, aos porcos.

Sob a ótica do TCU

Procurador do Ministério Público no TCU, Marinus Marsico afirma que é responsabilidade dos gestores do Estado e da prefeitura a manutenção das obras, mesmo que paralisadas, levando em conta que recursos federais foram aplicados em medidas corretivas para impedir a deterioração da obra durante a interrupção, o que não aconteceu no caso do Hospital Terciário de Natal, que foi alvo da ação de populares com a ausência do poder público.

“Os gestores municipais e estaduais são e serão sempre responsáveis por uma obra desta magnitude. Não posso tomar juízo de valor por não conhecer o processo, mas esta obra tinha que ser mantida até que uma gestão pudesse concluir o hospital. O valor investido pela União nos 150 leitos é algo que poderia fazer a diferença para a população, principalmente com a crise

que a nossa Saúde enfrenta nos dias de hoje”, asseverou.

Marinus Marsico explicou que o TCU pediu as medições de acordo com o projeto do hospital para que seja calculada a situação do local e, depois, iniciar investigações para apurar os motivos da paralisação nas obras. Sobre um possível recurso para a reabertura de investigações, explica que é necessário averiguar se o processo expirou.

Se chegar à conclusão que prescreveu, fica “apenas a lição futura para a população não se acomodar e exigir respostas sem demora dos gestores, que devem usar de suas prerrogativas como representantes do povo para dar melhores condições de vida à população, evitando que o desperdício de verbas públicas se repita, como no caso do hospital”, advertiu o procurador do MP de Contas da União.



“
Os gestores
municipais
e estaduais
são e serão
sempre
responsáveis
por uma
obra desta
magnitude.”

Marinus Marsico
Procurador do MP
no TCU



Ex-governador lamenta abandono da obra

Em sua grande casa no bairro de Lagoa Nova, que resiste à especulação imobiliária, o ex-governador Geraldo Melo recebeu a reportagem da Revista Bzzz, para falar sobre o longo e esquecido processo de construção do Hospital Terciário de Natal. O que disse foi lamentar “como cidadão” a não continuidade das obras. “Uma obra desta importância teria feito diferença na Saúde do Rio Grande do Norte, pois a situação nos quadros das redes pública e privada hoje são difíceis e muito teria sido evitado caso a obra fosse finalizada”.

Mesmo instigado a apontar responsáveis, evitou encontrar culpados pela paralisação das obras. Acredita, apenas, que “os governantes e secretários de Saúde podem alegar que não tiveram recursos para a finalização da obra. Todos sabem da necessidade de mais leitos e que o hospital teria desafogado os outros hospitais da cidade devido ao grande número de leitos”. Ponto. E assim a população – de baixa renda – continua clamando por soluções no caótico sistema de saúde pública, enquanto os recursos vão seguindo o caminho dos escombros. Regozijo dos porcos.

“

Uma obra desta importância teria feito diferença na Saúde do Rio Grande do Norte, muito teria sido evitado caso a obra fosse finalizada.”

**Do ex-governador
Geraldo Melo**



Nordeste:

GIGANTE DOS PÉS

Indústria calçadista avança na região e desponta como o segundo maior polo brasileiro

Por Bárbara Hanna

Fotos: João Neto





Evento reuniu mais de 50 marcas, entre elas Calçados Bebecê, que tem como diretor Arnaldo Moraes



A jornalista de moda Roberta Pimenta conferiu as novidades da feira



COM UM PRODUTO INTERNO Bruto (PIB) de R\$ 594 bilhões em 2012, a região Nordeste se consolida como papel fundamental no setor econômico do Brasil. De olho neste mercado promissor, diversas empresas estão se instalando na região com oferta de produtos voltados para o perfil dos consumidores locais. Com mais de 800 milhões de pares produzidos ao ano, o setor de calçados coloca o país entre os maiores produtores mundiais e o décimo maior exportador, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

Neste cenário, a região nordestina vem contribuindo para o crescimento deste mercado. A Bahia, por exemplo, exportou, no ano de 2013, US\$ 63, 2 milhões, o que equivale a 5,8 % de todo o país. Já o Ceará, especializado na fabricação de chinelos, sandálias e sapatos de

plástico ou borracha, é o terceiro maior polo calçadista do Brasil, onde 300 empresas exportaram 51,8 milhões de pares em 2013, o que significa 42,1% do setor. A Paraíba exportou US\$ 103,44 milhões no ano passado, sendo 9,4% do ranking brasileiro.

Para alavancar ainda mais o setor, as regiões Norte e Nordeste receberam pela segunda vez a Feira 40º, voltada para o comerciante. Evento que se tornou ponto de encontro de diversos profissionais do ramo para promover negócios e desenvolver economicamente as regiões envolvidas. A ideia de promover feiras desse tipo surgiu em outros extremos: a região Sul. Precisamente no Rio Grande do Sul, com a Feira Zero Grau. Lá, o evento ocorre anualmente nos pavilhões do Centro de Eventos Serra Park, em Gramado, e tem como diferencial a união de conceitos mundiais, como a sintonia entre negócios e lazer.



Feira criada no Rio Grande do Sul chega a Natal para atrair mercado nordestino



Ana Klara Grings, diretora comercial da Piccadilly

No Nordeste, a Feira 40ª aconteceu no Rio Grande do Norte e recebeu mais de 50 marcas, no Centro de Convenções de Natal, entre os dias 11 e 13 de março último. Dentre elas, estava a Piccadilly, uma das maiores empresas da indústria calçadista brasileira. Segundo a diretora comercial da empresa, Ana Klara Grings, as atenções se voltam para a região devido a plena ascensão que reflete diretamente no consumo. “Com o crescimento exponencial da classe ‘C’, houve o aumento do interesse das mulheres dessa classe pelo nosso calçado e isso é muito bom porque elas são nosso público alvo. As mulheres nordestinas estão dentro desse contexto, já que se interessam cada vez mais em consumir calçados de alta qualidade”, explica.

Para a empresária, as empresas têm buscado agradar as consumidoras da região para alavancar as vendas. “Há um tempo as indústrias não se preocupavam muito com as especificidades da região. Agora mudamos totalmente nossa forma de gerir o negócio. Hoje, colocamos no mercado modelos específicos para a região, como os modelos abertos, que são confeccionados e criados pensando nas mulheres do Norte e Nordeste. A mulher nordestina preza pela ventilação nos pés e para atender a essa demanda usamos materiais tecnológicos que permitem que o calor se dissipe melhor.”

Para a feira em Natal, a Piccadilly apresentou o novo conceito Fashion Comfort, com modelos inspirados na moda das ruas, ideal para mulheres que trabalham, cuidam da casa, dos filhos e não abrem mão de valorizar o seu



estilo e a comodidade. Nesse contexto, Ana Klara Grings alerta para a necessidade de se oferecer diferenciais na busca pela sobrevivência no mercado. “Oferecer modelos amplos é uma exigência do mercado. Porém, precisamos trazer diferenciais”. Outro diferencial da marca é a junção de alguns fatores essenciais. “Trabalhamos unindo conforto, moda e tecnologia, além do design. O mercado não oferece tudo isso junto. Com isso, nosso plano para a região é trazer materiais e modelos diferenciados que possam ser usados o ano inteiro devido à sua alta durabilidade”.

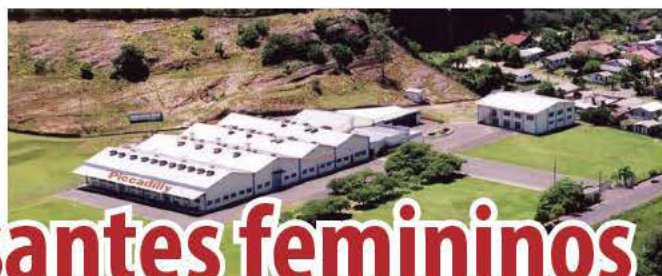
Com o plano de expandir os negócios em 20% neste ano de 2014 no Nordeste, a diretora comercial

da Piccadilly ressalta que é necessário se ter os pés nos chão por ser um ano atípico. “Neste ano, temos a Copa do Mundo e as eleições no país. Com a Copa, por exemplo, teremos grande impacto no comércio, mas não sabemos se será positivo ou negativo, já que, caso haja ondas de protestos, isso afete o consumo. Por outro lado, a festa atrairá turistas”, analisa Ana Klara.

A empresa Bebecê, do Rio Grande do Sul, também participou da feira. Segundo o diretor-presidente, Arnaldo Moraes, agradar ao público nordestino também é um objetivo da marca. “A empresa criou uma coleção específica, mais atualizada e que se encaixa com o clima da região”, disse.



Com uma produção diária de 60 mil calçados, a marca tem oito unidades de produção, todas no RS. No exterior, está presente em 90 países e conta com 7.000 pontos de venda

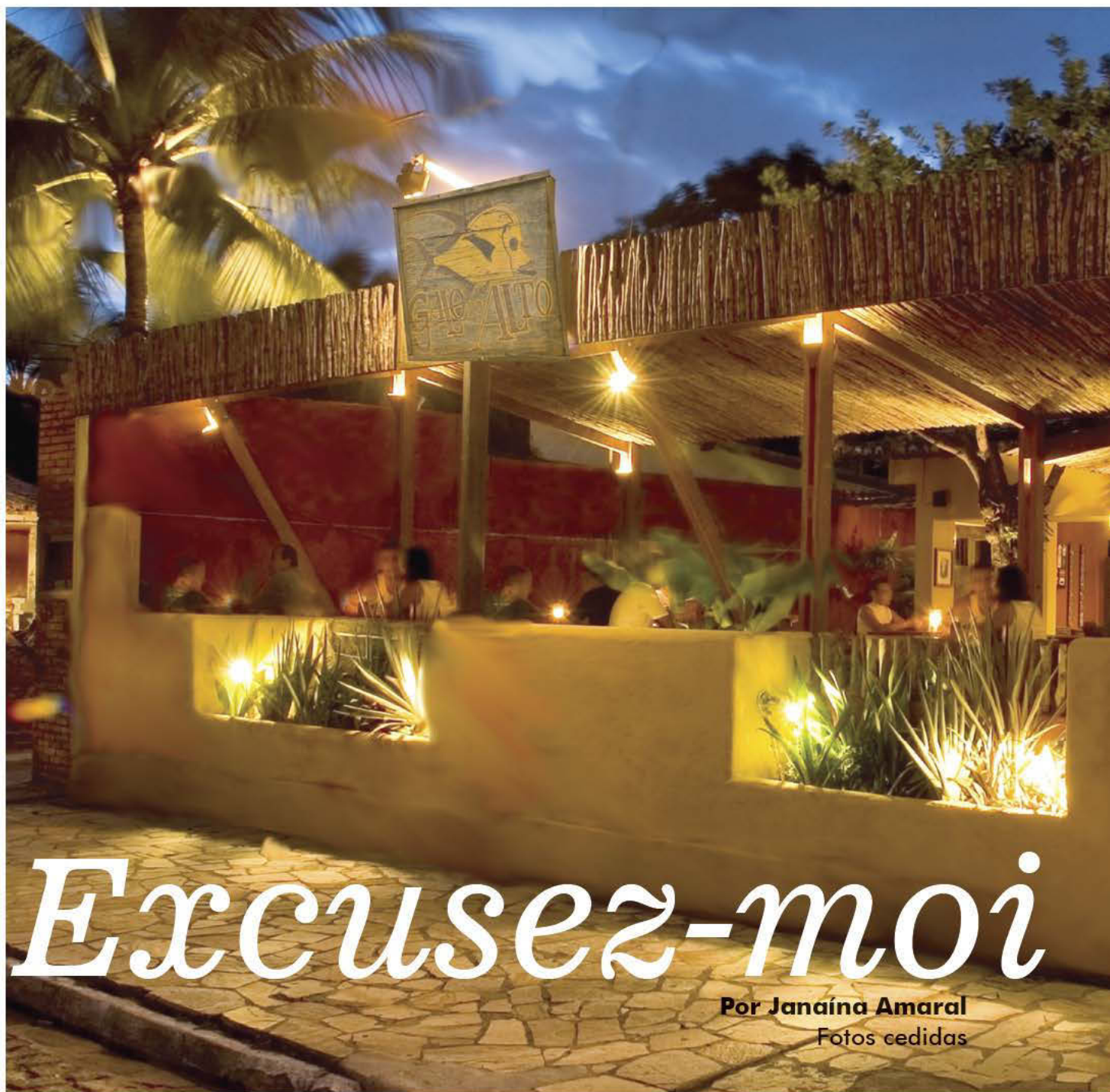


Gigante dos pisantes femininos

A Piccadilly está no mercado há 58 anos. Com uma produção diária de 60 mil calçados, a marca conta hoje com oito unidades de produção, todas no Rio Grande do Sul. Exporta seus produtos para 90 países, dos cinco continentes, e conta com sete mil pontos de venda. No leque de investimentos, tem 29 lojas exclusivas distribuídas na Venezuela, Kuwait, Estados Uni-

dos, Peru, República Dominicana, Guatemala, Nova Zelândia e Bahrein.

No portfólio, ostenta prêmios como o certificado de qualidade emitido pela líder no mundo em tecnologia de calçados: Satra Technology Centre, na Inglaterra. A Piccadilly é uma das únicas empresas do setor calçadista brasileiro que possui o selo Origem Sustentável.



Excusez-moi

Por Janáina Amaral

Fotos cedidas

Jornalista de sucesso que largou a carreira para se entregar totalmente à paixão pela gastronomia, Max Fonseca foi pioneiro em servir pratos à francesa em restaurantes de Natal. Também, na seleção de Jazz e Blues. Nesta matéria, o bom gourmet ensina a preparar um dos pratos de maior sucesso que vinga até hoje: Filé Platão



SUA PAIXÃO PELA GASTRONOMIA foi interrompida quando veio morar em Natal e cursou Jornalismo. Gaúcho de Porto Alegre, Max Fonseca sempre teve predileção por bares e restaurantes, com ele no comando das caçarolas, elementar. A prática começou no início dos anos 80 como auxiliar de cozinha do restaurante Saravá, na Praia do Meio, nos tempos em que a orla de Natal era moda. Depois, trabalhou no bar alternativo Café de Paris, praia de Areia Preta. Após, montou um barzinho chamado Barumbas, onde ganhou muito dinheiro e resolveu passar oito meses viajando pelo país. Na volta à capital potiguar, abriu o Chernobyl, por trás do Café de Paris, que virou point de intelectuais e alternativos.

Max conta que o proprietário alemão do Café de Paris ofereceu a ele abrir um barzinho na garagem. Topou na hora, onde colocou um “som maneiro”, era o auge do rock nacional e internacional. “O alemão sabia que se desse certo nós polarizaríamos aquela área e ganharíamos dinheiro. No verão de 1987 o Chernobyl era um sucesso”, lembra. Paralelamente, com o sócio Carlos Eduardo Varela Raulino, o Tuca, abriu o restaurante Fórum Local, com direito a uma galeria de arte, em julho de 1989, na Rua Trairí, na chamada Cirolândia. “O Fórum era em espaço cultural, galeria de arte, loja de disco, loja de zines-comics americanos e, em outro ambiente, o restaurante”, conta.

Das curiosidades de uma Natal ainda provinciana, Max conta que o Fórum Local foi o primeiro restaurante a servir à francesa na cidade, o que levou alguns dos frequentadores não acostumados e pouco viajados a dizer que ele servia PF (Prato Feito) e reclamavam que o filé estava mal passado ou que a carne estava crua. Também foi o primeiro lugar na capital a tocar Jazz e Blues. “Meu sócio Carlos Eduardo era o criador de tudo, e tudo que ele criava era bom e diferente para os padrões locais”. Apesar de “Fórum” ser nome romano, os nomes dos pratos eram de filósofos gregos: Platão, Aristóteles, Xenofonte e Sófocles. “Tuca misturava o requinte com coisas simples, que dava para sentir o sabor dos ingredientes. Ele sentia prazer em fazer e em comer, tinha o dom da criação”, elogia o sócio e amigo.

Três pratos criados à época pelo 'chef' Tuca são sucesso até hoje, no restaurante que Max Fonseca abriu há dez anos na Rua Manoel Augusto Bezerra de Araújo, no chamado Alto de Ponta Negra: o Galo do Alto, que mantém no cardápio os pratos que são daqueles, digamos assim, de comer de joelhos: Filé Platão (mignon alto ao molho de vinho com arroz indiano e batata rösti), Frango Indiano (empanado com arroz indiano e purê de maçã) e a Bavette Bourgnone (pasta ao molho de vinho e cubinhos de filé mignon).

Atento ao boom no turismo que levava os visitantes para Ponta Negra, o bom gourmet deixou o Plano Palumbo (como alguns natalenses chamam o quadrado que abriga os bairros de Tirol e Petrópolis) e migrou para o bairro que tem o mais famoso cartão postal da cidade: Morro do Careca. "Dedico-me ao Galo, acompanhei o crescimento de Ponta Negra, tem muita gente boa aqui, vários comerciantes se uniram e conseguimos tirar a cracolândia daqui", diz orgulhoso. No início, o seu público era por maioria turistas, mas hoje, afirma, é formado por 50% natalenses e 50% turistas. Deve-se o sucesso a dois importantes itens: o bom cardápio e o fato de ser o único restaurante de Natal que serve o peixe Galo do Alto. Depois do prato Galo do Alto, o segundo que tem mais saída é o Platão.



O empresário jornalista Max Fonseca comanda o Galo do Alto

O comunicador

Durante sua vida de jornalista, Max passou por várias redações, entre elas o Diário de Natal, TV Ponta Negra (SBT) e TV Potengi (Band). Foi secretário de Comunicação do Governo Vivaldo Costa, assessor de imprensa do deputado federal Carlos Alberto (já falecido) e do ex-senador Geraldo Melo. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes no RN (Abrasel) e diretor-presidente do Natal Convention & Visitors Bureau.



Max com o sócio Carlos Eduardo (Tuca) e o amigo Hélio Amaral (à esquerda), em frente ao Fórum Local



No palco do Chernobyl, show da banda Modus Vivendi, com Carito (vocal), Fernando Suassuna (bateria) e Edu Gomez (guitarra)

Receita do Platão

Para os leitores da Bzzz, Max Fonseca quebra o segredo da receita de sucesso e ensina como preparar o Platão, com a pequena diferença da mudança para o arroz piemontese:

MOLHO:

- ▶ Dourar até ficar crocante alho, cebola, bacon em pedaços pequenos e aparas de carne.
- ▶ Juntar tomate e água e deixar ferver por 15 minutos.
- ▶ Triturar e peneirar.
- ▶ Fazer um roux com farinha de trigo e manteiga e depois acrescentar o molho peneirado.
- ▶ Acrescentar o vinho tinto e ferver até atingir ponto de molho espesso.

RÖSTI

- ▶ Semi cozer a batata um ponto abaixo da cocção normal.
- ▶ Ralar em ralo grosso e colocar sal.
- ▶ Separar em torno de 200g e colocar numa chapa quente cobrindo o lado de cima com parmesão ralado na hora.
- ▶ Deixar dourar os dois lados.

ARROZ

- ▶ Juntar em uma panela o arroz já pronto, um pouco de manteiga, parmesão e creme de leite.
- ▶ Misturar e deixar aquecer sem ferver.
- ▶ Decorar com champignon em fatias.

Servir no prato com o filé sobre o molho ao lado do arroz e da rösti



Max exibe o Filé Platão

VIAJE COM O SEU pet

Animais de estimação ganham espaços exclusivos e confortáveis e são bem-vindos a hotéis e pousadas do Brasil

Por **Bárbara Hanna**
Fotos cedidas pelos hotéis



Hotel Hilton, em São Paulo, passou a receber os acompanhantes com a cobrança de uma taxa especial

O QUE FAZER COM o pet? Esse drama já é solução nos planos de viagem. Os animais de estimação ganham não apenas mais espaço no coração e na vida das pessoas, mas também um lugar ao sol. Ou melhor, hospedagem. No Brasil, eles já somam mais de 106,2 milhões, entre gatos, cachorros, peixes e aves, colocando o país como a quarta maior nação do mundo em população total de animais de estimação e a segunda em cães e gatos, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet).

Tanto amor faz com que esses animais se tornem parte do dia a dia da família, seja em casa ou até em via-

gens. Diante dessa realidade, o setor turístico, mais precisamente hotéis, percebeu o fenômeno e está se adaptando ao novo perfil do hóspede. Muitas empresas já aceitam receber os pets, como os sofisticados hotéis Fasano (no Rio de Janeiro e em São Paulo), Hilton e Sheraton, ambos em São Paulo, e Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. Com taxas adicionadas ao valor da hospedagem, que variam entre R\$ 150 e R\$ 750, os animais são recebidos com a mesma mordomia proporcionada aos seus donos. Muitos dos hotéis que realizam o serviço oferecem caminha com travesseiro, lençol, kits com xampu, condicionador e sabonete líquido, além de recipientes para água e ração.



Os pets têm a mesma mordomia dos donos. Caminha especial, travesseiro e produtos de limpeza são os mimos do Hotel Fasano. Ao chegar, recebem até bilhete de boas-vindas



O Hotel Fasano vai mais além e oferece uma espécie de cartilha com diversas indicações de serviços da região, como pet shop, clínica veterinária, táxis especializados e passeadores. Já o Hotel Sheraton oferece o programa “Sheraton Love that Dog!” onde, além do kit, há um aviso na porta do quarto com a frase “animal de estimação descansando”. Outra mordomia da turminha de quatro patas é poder acompanhar o dono em todas as áreas comuns do empreendimento. “Viajar com bichinhos de estimação não tem a graça se eles não puderem aproveitar a companhia de ter seus donos por perto”, comenta a assessoria do hotel.



Hotel Sheraton oferece programa "Sheraton Love that Dog!"

O perfil de quem deseja viajar com os animais de estimação não é definido. Há animais que aproveitam a mordomia enquanto o dono está em viagem de negócios, mas existem também pets que viajam com a família toda. O Hotel Copacabana Palace, por exemplo, realiza o serviço há sete anos e, normalmente, recebe clientes que se hospedam com os animais

por pelo menos uma semana. Em geral, os hotéis recebem cães e gatos de pequeno porte. Para levar o querido membro da família ao ambiente acolhedor dos apartamentos, o cliente deve solicitar o serviço no momento da reserva. Assim, animal e dono podem curtir bons momentos juntos também fora do aconchego de casa.



No tradicional Copacabana Palace, os pets são recebidos há sete anos

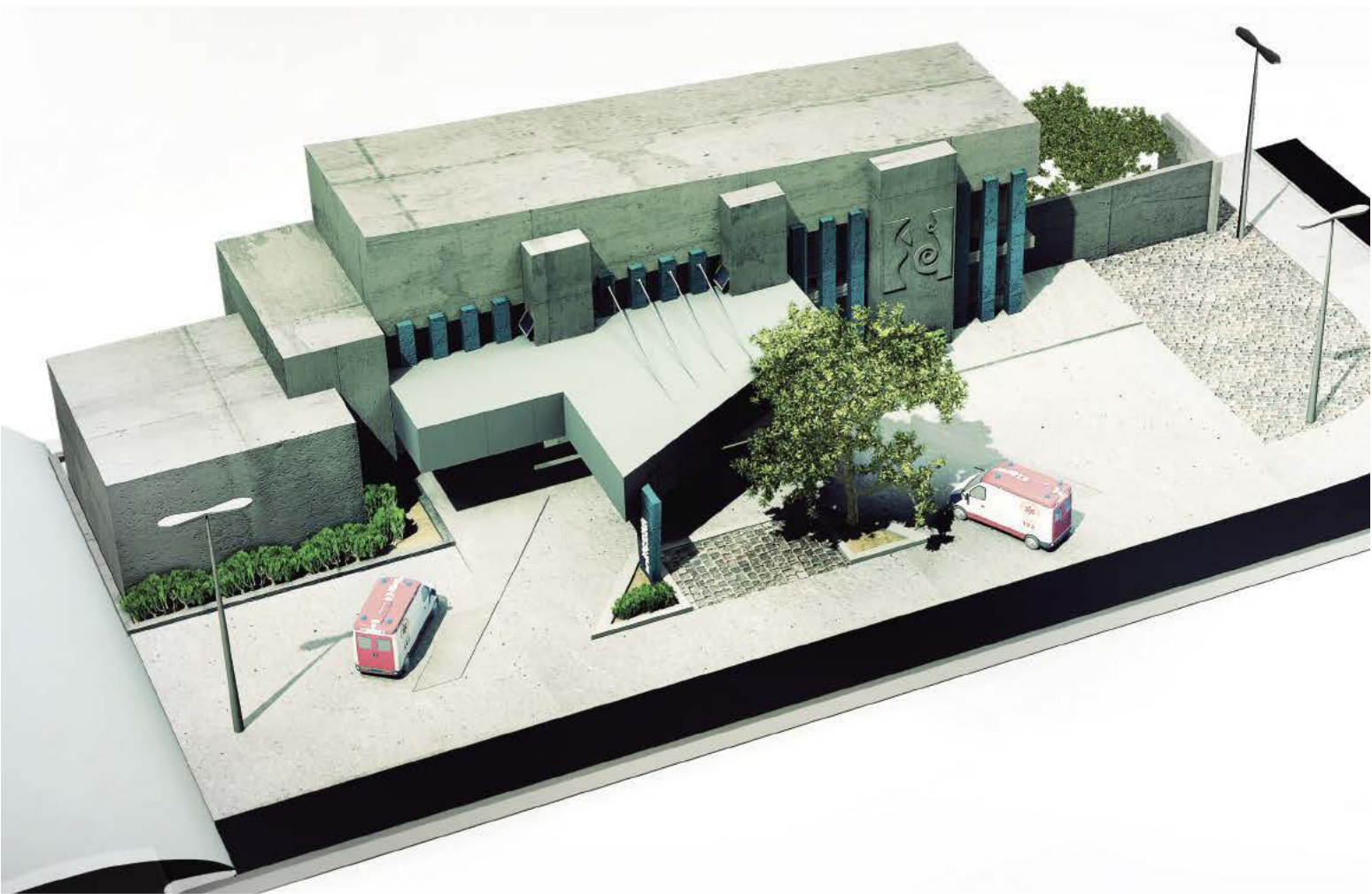


José Julianelli -
coordenador FIPPA

Mercado em expansão

Investimentos no mercado de pets somam números significativos no país. Em 2013, o setor faturou R\$ 15,2 bilhões, aumento de 7,3% frente aos R\$ 14,2 bilhões de 2012, e já representa 0,31% do PIB nacional, à frente dos setores de geladeiras e freezers, componentes eletroeletrônicos e produtos de beleza.

Em todo o mundo, essa indústria fechou o ano de 2013 com U\$ 102 bilhões, U\$ 7 bilhões a mais do que em 2012. O país que mais fatura com o mercado são os Estados Unidos (30%), seguidos pelo Brasil e o Japão, ambos com 8%. Depois aparecem Reino Unido (7%), França (6%) e Alemanha (6%).



Segundo José Carlos Julianelli, responsável pela Feira Internacional de Produtos para Pequenos Animais (FIPPA), em São Paulo, a expansão do mercado exige das empresas do ramo produtos de qualidade e profissionais qualificados. “O cliente é muito exigente, afinal, os animais de estimação passaram a fazer parte da família. Com isso, há uma procura maior por rações, cosméticos, remédios e acessórios”, explica.

Informa que diversas grifes têm investido para agradar os novos clientes. Empresas como Prada, Chopard, Burberry e Gucci fazem coleiras que custam cerca de 850 euros. Além de coleiras, a Louis Vuitton faz uma bolsa para o dono carregar o seu animalzinho de estimação, que custa em torno de R\$ 6.700,00.

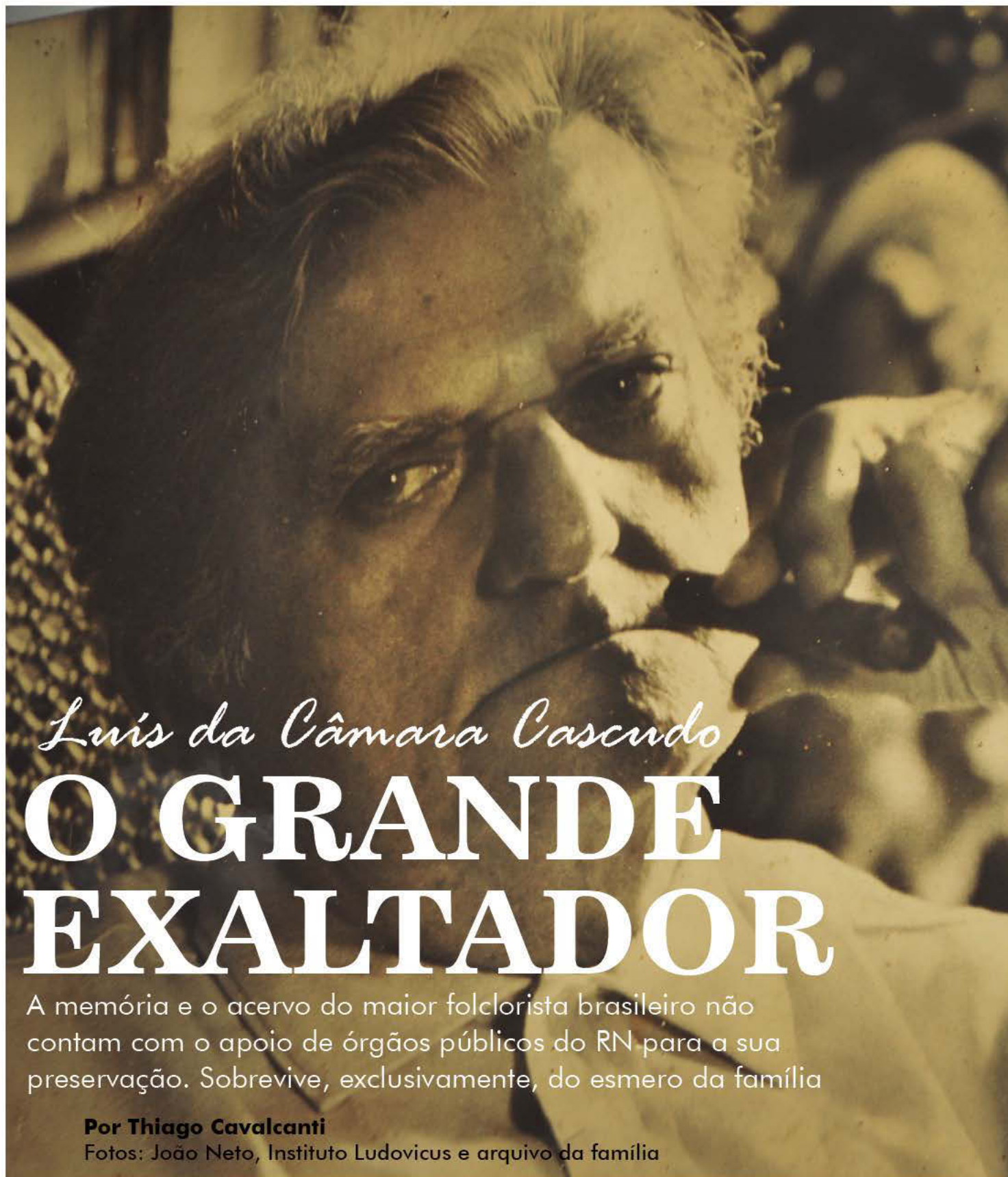


Quando todos pagam o seu IPTU em dia, Parnamirim cresce muito mais na saúde.

O PAGAMENTO DA PARCELA ÚNICA DO IPTU DE PARNAMIRIM FOI PRORROGADO

ATÉ	Adimplentes tem	20%	de desconto.
10	Os demais	10%	de desconto.
DE ABRIL			

O crescimento da nossa cidade é responsabilidade de todos. Pague o seu IPTU em dia, ganhe desconto e seja um cidadão que contribui para o progresso de uma Parnamirim cada vez mais linda e desenvolvida.



Luis da Câmara Cascudo

O GRANDE EXALTADOR

A memória e o acervo do maior folclorista brasileiro não contam com o apoio de órgãos públicos do RN para a sua preservação. Sobrevive, exclusivamente, do esmero da família

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: João Neto, Instituto Ludovicus e arquivo da família



FALAR SOBRE CÂMARA CASCUDO é fácil e ao mesmo tempo complexo. São muitos feitos para uma só vida. Pode-se dizer catedraticamente que o professor, advogado, historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, nascido e criado na capital potiguar, foi o grande exaltador das manifestações culturais brasileiras. Suas contribuições foram além da etnografia, ciência da qual foi grande especialista. Suas obras se destacam importantes também no campo da literatura, da cultura e da infância.

No dia 30 de dezembro de 1898, nascia o filho do coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria Câmara Pimenta. Nasceu em berço de ouro, como dizem por aí. Seus pais eram grandes aristocratas do arraial de Natal, moradores da chácara Vila Cascudo, na região então ocupada por vivendas, quintas e granjas, que, em 1901, foi transformada pelo agrimensor e arquiteto italiano Antonio Polidrelli no bairro do Tirol, junto ao também nobre bairro de Petrópolis.

A residência da família era o centro das reuniões literárias, onde recebia a emergente sociedade natalense com jantares festivos, saraus e recitais de músicos famosos que passavam pela cidade. O pequeno Cascudo tinha uma inteligência pródiga. Soube absorver toda cultura, dos salões de sua casa às aulas no Colégio Atheneu. Tornou-se poliglota muito cedo. Chegou a cursar Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, mas viu que sua vocação era outra e foi estudar Direito na cidade do Recife, Pernambuco, onde se formou em 1928.

De volta à sua amada Natal, encantou-se pela menina Dália Freire, de 16 anos. Galanteador e com as palavras bem ensaiadas, ganha o coração da moça com nome de flor. Casaram-se em 21 de abril de 1929, e fixaram residência na Vila Cascudo. O casal teve dois filhos: Fernando Luís e Anna Maria. Daí em diante começa sua vida pública na cidade. Exerceu várias funções: professor, chegando a ser diretor do Atheneu; secretário do Tribunal de Justiça e consultor jurídico do Estado. Em 1951, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como professor de Direito Internacional Público.

O folclorista era uma máquina de produção. Em 1948, recebeu o título de “Historiador da Cidade do Natal”, das mãos do então prefeito Sylvio Pedroza. Ingressou no jornalismo escrevendo a seção “Bric-à-Brac”, no jornal do pai, “A Imprensa”. Assinou uma crônica diária no jornal “A República”, que o tornou famoso. Era a “Acta Diurna” (cerca de 3.200 crônicas). Colaborou em vários órgãos de imprensa do Recife: Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Diário da Manhã, e também em outros jornais do país. Fascinado pela volúpia das palavras, perpetrava frases com a mesma facilidade com que construía amizades extremadas e queridas.



O chalé da família Cascudo construído em 1900

A RESIDÊNCIA

O casarão do início do século onde passou a maior parte de sua vida foi construído em 1900, pelo industrial Afonso Saraiva Maranhão, dez anos depois comprado pelo seu sogro, o desembargador José Teotônio Freire. Em 1947, Cascudo comprou o lindo chalé de Nº 377 da Avenida Junqueira Aires, da sua sogra, já viúva, Dona Maria Leopoldina.

Hoje, entrar na elegante casa da família Cascudo é voltar ao passado. Nas paredes, um acervo maravilhoso de obras de artistas locais e de outros estados (boa parte amigos do escritor), mobília de época, arte sacra, louças e muito mais objetos de encher os olhos. No banheiro, detalhe que confirma o alto poder aquisitivo à época: banheira revestida de azulejos portugueses (ele trouxe os azulejos de uma viagem que fez a Portugal em 1947).

Os cômodos generosos, de amplos espaços, revelam o gosto do escritor em receber os amigos e compartilhar experiências no campo da cultura. Destaque para uma das salas, onde nas paredes há autógrafos de gente famosa e de amigos que por ali passaram. O nome de Câmara Cascudo é dos mais respeitados na sua especialidade em todo o mundo.



Suas tardes eram dedicadas a receber amigos e visitantes na sala de refeições

A ROTINA

Após se aposentar, na década de 60, o escritor manteve uma rotina bem diferente. O dia começava depois de meio-dia, hora do almoço. Guardava as tardes para receber os amigos e servir os bons quitutes da culinária nordestina. A noite começava às 19h, quando sentava na sua histórica cadeira, de frente para o seu birô, e discorria seus vastos pensamentos e conhecimentos em produção literária. Só se deitava quando o sol estava raiando.

AS VISITAS

Cascudinho, como era chamado pelos amigos, sempre foi um grande observador e apaixonado pelo povo brasileiro e suas tradições. Na sala, recebia de intelectuais a pescadores. Homem letrado de fácil acesso, o portão da sua residência vivia aberto, todos eram bem-vindos. Eternamente rodeado por estudantes, professores, autoridades e personalidades, Mestre Cascudo sentava em sua cadeira de balanço muito à vontade no seu pijama de bolinhas ou de listras, fumando um interminável charuto. Averso à política, recebia todos os líderes de correntes partidárias. Ao longo da vida fez amizades com pessoas dos diversos segmentos da sociedade. Todos queriam uma prosa com o mestre. Quando chegava uma pessoa ilustre em Natal, logo era levada à casa do escritor.



Com Enélio Lima Petrovich e Diógenes da Cunha Lima em sua casa, 1982



Recebendo as atrizes Mariete Mourinou e Eva Todor, década de 80



Com Frei Damião



Com o pintor Newton Navarro, em sua casa, 1977



Com o escritor pernambucano Gilberto Freyre, em sua casa, 1982

O LIQUIDIFICADOR

O escritor era um homem de alma cosmopolita. Viajou o mundo todo conhecendo outras culturas e absorvendo saber. Admirador ferrenho da religião africana, apreciava seus ritos e credos. Cascudo era um liquidificador de culturas, das misturas, escrevia suas obras que até hoje são estudadas e debatidas mundo afora. De humor apurado, fazia graça com tudo. Tinha o hábito inveterado de repousar e ler deitado em uma rede. Assim, costumava brincar: “Se Freud conhecesse a rede, jamais usaria divã”. Outra paixão do escritor era o futebol, um incorrigível alvinegro. Torcedor do time que em Natal é chamado de O Mais Querido: ABC.



A banheira da residência revestida de azulejos portugueses



Seu gabinete de produção literária, de onde saíram suas obras conhecidas mundialmente



Sala em jacarandá presentada por Pedro Velho aos pais do escritor

A RECUSA

A Academia de Brasileiras Letras sempre o desejou. Recusou os três convites para concorrer com os amigos queridos a uma cadeira de imortal do país. Cascudo “encantou-se”, como ele se referia à morte, no dia 30 de julho de 1986, em Natal, cidade de onde nunca quis “arredar o pé”, por se considerar um “provinciano incurável”. A nós cabe a imensa responsabilidade de valorizar e divulgar o inesgotável legado cultural que ele deixou.



Quarto do escritor



Curiosidade: cangaceiro pintado por Dorian Gray, em 1955, numa porta do gabinete de Cascudo para vigiar o escritor em suas noites de produções



São José de Botas, datado de 1809, presenteado a Cascudo em 25/12/1948, pelo arcebispo dom Marcolino Dantas. Cascudo criou uma lenda associada à imagem: sugeria à toda moça solteira que o visitava passar o polegar direito na perna do santo. Segundo ele, era garantia de casamento em um ano

CASA DA MOEDA

Em 1991, a importância de Câmara Cascudo para a cultura e a história brasileiras foi reconhecida nacionalmente, com o lançamento da nota de 50 mil cruzeiros, que trazia a sua efigie, tendo à esquerda a cena de jangadeiros e, no reverso, a cena do “Bumba-meu-boi”, bailado popular do folclore brasileiro.

Na cédula, foram introduzidas, em caráter experimental, três barras verticais e paralelas acima dos alga-

rismos indicativos

do valor para auxiliar sua identificação por pessoas com deficiência visual. Em 1993, a moeda foi carimbada para Cruzeiro Real. Circulou de 9.12.91 a 15.9.94. Iniciou no governo Collor de Mello e terminou no governo de Itamar Franco, quando foi lançado o Plano Real, programa para estabilização e reformas econômicas brasileiras.



Sala das paredes autografadas



Ary Barroso



Juscelino Kubitschek



Villa Lobos



Loja de souvenir dentro do Instituto. Destaque para o vinho Quinta do Portal, produzido na cidade do Porto exclusivamente com selo Cascudo



INSTITUTO

Após a morte do escritor, a viúva Dália Freire continuou morando no casarão (em 1990 foi tombado a nível estadual por meio da portaria N°045/90) até o dia 9 de maio de 1997, data do seu falecimento. Os herdeiros do casal decidiram por bem manter a memória viva do folclorista e o seu legado cultural.

O lindo chalé de n°377 da Avenida Junqueira Aires, no bairro da Ribeira, passou por uma grande restauração, quando portas, janelas e assoalhos estavam tomados pela destruição do cupim. A família custeou a obra. Desfez-se de outros imóveis para preservar o grande acervo do folclorista. Não contou com a colaboração do poder público, mesmo diante da grande importância histórica e cultural.

Em 2010, a família abriu as portas do Ludovicus -

Instituto Câmara Cascudo ao público. Toda manutenção e despesas são feitas com recursos próprios, gerados dos direitos autorais das obras do folclorista. Sem, novamente, contribuição por parte dos poderes públicos, afinal, Natal e o Rio Grande do Norte são os lugares onde os entes públicos, em nome da cultura, investem em festas, de preferência enaltecendo promoções pessoais, apenas. É a cultura do ego, o investimento do umbigo, com o dinheiro do povo que clama por cultura, esporte e lazer, de verdade.

Mas, isso é uma outra história. Voltando ao Instituto, o nome escolhido para denomina-lo tem razão histórica e também sentimental. Ao ser batizado em 9 de maio de 1899, Luís da Câmara Cascudo foi chamado pelo seu nome em latim: Ludovicus.

Alto padrão DE BALADA

Boate à beira-mar é o novo conceito de diversão noturna na Praia da Pipa e não deixa a desejar em relação aos mais badalados balneários mundo afora

Por Alice Lima

Fotos: Luciano Toscano



NUMA DAS MAIS BELAS praias do país, a de Pipa, litoral sul do Rio Grande do Norte, o roteiro jantar, passeio pela rua principal – a chamada Broadway – e esticar na balada é quase lei. Além das atrações do dia, existe um público fiel que procura o destino para a diversão que começa já quando a madrugada se aproxima e termina muito após o sol nascer. Entre as opções tradicionais, cujas identificações criaram raízes, surgiu a balada que propõe a leveza do sopro, como define o significado de

seu nome – Ânima, escrito em latim.

É definida como lugar de balada, sem dúvidas, mas leva um conceito inovador ao paraíso potiguar, conhecido pelas noites mais regadas às músicas eletrônicas. E basta olhar o visual para sentir o clima harmônico que une mar, areia e som. Eletrônico, também, porém mais pop, com o toque comercial para agradar.

Dentro da estrutura, as paredes de vidro permitem que natureza e uma boate pareçam um só pensamento. Há um quê de sofisticação



Iluminação da boate tem aparelhos de última geração



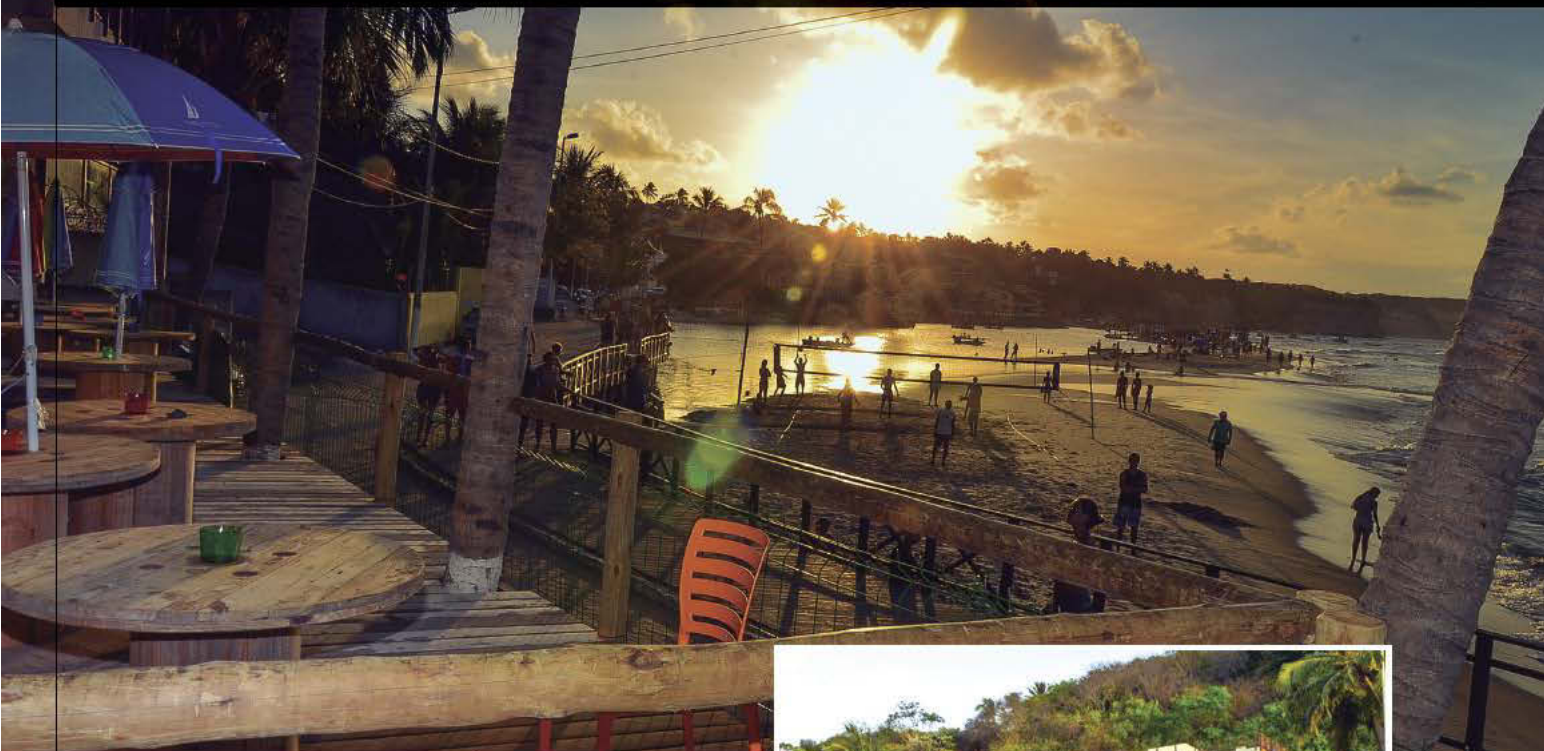
O lounge é opção para os baladeiros mais tranquilos

desprendida que lembra as concorridas casas de festas em praias europeias, como Ibiza.

Na pista de dança, a iluminação personalizada que não pode faltar e o ambiente climatizado. Na área externa, o lounge moderno, criado para unir gerações e objetivos. “A ideia inicial foi montar bar e restaurante com lounge e a boate funcionar só em feriadão e, toda semana, de quinta a domingo, abrir como restaurante de praia”, explicou Múcio Neto, sócio da Ânima.



Na pista de dança, ambiente climatizado



Ânima está em frente à praia do Centro, com visual paradisíaco

Novo conceito

Inaugurada no final de 2012, ainda rodeada pelo efeito da temida crise europeia, a Ânima foi pensada como uma balada de alto padrão, para um público considerado “classe A”. “A grande atração é a casa, é estar naquele visual, naquela praia, com o sol nascendo”.

Múcio explica que a ideia surgiu do trio formado por ele, o advogado Gutenberg Tinoco e o empresário Sérgio Lobo, todos frequentadores da Pipa, que compartilhavam o pensamento de que algo faltava ao lugar. A opção para o público não tão jovem, a alternativa que agregasse.

No cardápio de bebidas, as opções são selecionadas. “Em Pipa, principalmente nos feriados, bebe-se muito, muito mesmo. Apostamos nas bebidas premium, vodka Ciroc e uísque de 8 a 21 anos”, pontua Múcio. Também há espaço para os espumantes, cervejas e os destilados mais acessíveis. No futuro breve, funcionará um restaurante, que está em fase de seleção.

As senhas para as festas de feriados prolongados são vendidas com bastante antecedência, e, próximo da data da festa, o preço acelera. Mesmo assim, sempre es-



gotam. Como aconteceu na Semana Santa, que começaram a ser vendidas por R\$ 50,00 e chegaram ao dobro, R\$ 100,00. “Os shows do feriado não são concorrências, acabam levando mais gente para a Pipa, que vai à festa e depois estica a noite”, explica NT.

Em relação ao público - em média 800 pessoas por noite -, a minoria é natalense. Pelas vendas na internet, existem mais pessoas de João Pessoa (PB), Maceió (AL), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP). Os baladeiros chegam tarde. A diversão começa a “ferver” a partir das 2h30, logo após a última batida permitida na rua principal.



Múcio NT, sócio da Ânima e DJ

Burocracia

Assim como em outros setores, os entraves burocráticos dificultaram a abertura da boate no tempo inicialmente previsto. Entre projeto e abertura, a espera foi de cerca de um ano. No período de abertura, aconteceu uma triste coincidência. “No mesmo dia em que tivemos uma festa, ocorreu o incêndio na boate Kiss (em Santa Maria, no Rio Grande do Sul). No dia seguinte, o Corpo de Bombeiros já estava lá. Fomos muito questionados, mas temos todas as licenças”.

Em relação à crise pela qual hotéis, restaurantes e serviços enfrentam, a boate não sentiu tanto por ser novidade e atrair curiosos. A resistência foi sentida, sim, partindo do próprio pessoal da Pipa, que talvez tenha receio da novidade e da invasão às características originais.

Porém, a praia famosa pela hospitalidade tem a tendência nata de misturar estilos, culturas e gente do mundo inteiro, com a convivência pacífica e a vida singularmente encantadora. Seja para viver, curtir férias ou aproveitar só por uma noite – que dura até muito além do sol começar a brilhar, e esquentar.





A quinta estação de MÔNICA BERTOLOTTI

Obras da artista carioca que adotou Natal para morar conquistaram olhares italianos, na sua exposição itinerante que chegou a Milão

Por Clara Vidal
Fotos: arquivo pessoal

SE VERÃO, OUTONO, INVERNO e primavera todo mundo conhece, a “Quinta Estação” só pode ser compreendida através das obras da escultora carioca Monica Bertolotti. Esse é o título da exposição itinerante da artista realizada desde 2005 e que teve como endereço, em março deste ano, a galeria Casa de Vetro, em Milão, Itália. A árvore é o principal tema das peças produzidas em um único bloco de madeira de mogno, escolhida pela resistência. E é justamente por representar o ciclo árvore – madeira – árvore que surgiu o nome “quinta estação” (ideia de um amigo jornalista). Apesar de usar os mesmos elementos, cada trabalho tem uma história por trás e o desafio é quebrar a monotonia. “O que me move é a dificuldade e a superação da técnica. Meu trabalho precisa de tempo, não é algo já digerido, que é grande e colorido”, explica a artista.

O processo criativo começa com uma frase e logo sai um pequeno texto. A partir do esboço, Monica começa o entalhe e, sem qualquer encaixe ou colagem, leva em média dois meses para concluir o trabalho. “É tudo muito intuitivo, sempre foi”, conta. Autodidata, a artista desenvolve a técnica desde 1974 e já produziu mais de 300 peças. O interesse pela arte de esculpir começou cedo, aos 11 anos, com pedra-sabão, e só aos 15 veio a paixão pela madeira, mas como ainda era jovem e tinha que procurar outros meios para “sobreviver” acabou entrando na área da comunicação. Trabalhou como publicitária, produtora e jornalista, até decidir largar tudo para se dedicar à escultura. Em 1975, faz sua primeira exposição, na Galeria Ângelus, em Belém, Pará. Depois não parou mais, divulgando seu trabalho em São Paulo, Brasília, e, claro, Natal, onde mora há quase vinte anos.



Mônica Bertolotti leva cerca de dois meses para concluir uma peça



Traços detalhados sobre a madeira mogno, obra escolhida pela resistência

Mas, pode-se dizer que a última exposição foi uma das mais especiais. Não só porque aconteceu em Milão, uma das principais cidades do mundo quando o assunto é arte, mas também por causa da sua origem. O pai nasceu em Gênova e foi a fonte que brotou para a sua inspiração. “Ele sempre me incentivou a entender como as coisas são feitas ou funcionam e a ter vontade de conhecer de tudo um pouco”, lembra. Com essa vontade de conhecer e aprender, a escultora foi “se virando” em diferentes partes do Brasil e do mundo. Agora, criou raízes em Natal, onde moram os filhos e netos. A obra mais recente, inclusive, não está à venda porque já tem dono: o neto mais novo.



○ antes e depois das restaurações de peças em madeira realizadas por Mônica



Mônica trabalhou no processo de restauração do assoalho de um apartamento do príncipe herdeiro da Dinamarca, Frederico

“

O que me move é a dificuldade e a superação da técnica. Meu trabalho precisa de tempo, não é algo já digerido, que é grande e colorido.”

Príncipe da Dinamarca

Além de escultora, Mônica também atua como restauradora de madeira e couro e tem um diferencial: sempre deixa sua marca na peça por meio de anotações. Detalhista, observa habitualmente se a peça foi alterada, se houve mau uso e deixa o registro na própria peça para facilitar as restaurações seguintes. Um fato curioso é que em 2004, enquanto morava em Paris, França, participou da restauração do assoalho de um apartamento do príncipe herdeiro da Dinamarca, Frederico. “Foi através de um amigo restaurador que consegui participar do processo. O apartamento era do século XVII e

estava bastante desgastado”, recorda. A restauração aconteceu pouco antes do casamento do príncipe em maio de 2004, com a consultora de marketing australiana Mary Donaldson.

De volta ao Rio Grande do Norte, Mônica trabalhou no processo de restauração da Escola Agrícola de Jundiá, no município de Macaíba, na Região Metropolitana, e de peças da Assembleia Legislativa. Apesar disso, lamenta o descuido do poder público com peças e prédios antigos, principalmente na capital. “Natal é uma cidade linda, mas que, infelizmente, ainda tem que aprender a valorizar sua história”.



Wellington Fernandes
Arquiteto



NOSSAS PRAÇAS, **HISTÓRIA DE TODOS**

Professores da UFRN desenvolvem projeto para resgatar a memória das praças históricas de Natal e chamam a atenção para a importância da preservação



Praças que atravessam gerações. Da esquerda para a direita, dois ângulos da Praça André de Albuquerque e, em seguida, a Praça Augusto Severo.

OS JARDINS PÚBLICOS SÃO importantes expressões culturais urbanas, pois celebram a natureza no espaço urbano e favorecerem a convivência dos habitantes com o meio natural. Quando localizados em bairros antigos, são testemunhos vivos de épocas passadas. Por serem áreas de delicado manejo, jardins, praças e parques são muitas vezes relegados ao abandono e nesse estado demandam frequentes requalificações, tornando-se alvos preferenciais para investimentos públicos. No entanto, quando localizados nos bairros mais antigos, comumente as intervenções realizadas, pouco se leva em conta o caráter histórico-cultural desses espaços, numa busca por inovações que, não raro, tratam de sepultar a memória urbana.

No Centro Histórico de Natal, diversas intervenções urbanísticas contribuíram para esmaecer a identidade e o caráter simbólico das nossas praças, como Augusto Severo e a André de Albuquerque, inclusive alterando a toponímia [deferência ao mestre Câmara Cascudo]. Essa tem sido uma prática comum, mesmo quando a intenção é resgatar configurações morfológicas originais, mas que têm resultado na subtração da vegetação, na desconsideração do traçado existente, do mobiliário, dos equipamentos e das relações do jardim com o entorno. Além disso, privam as atuais e futuras gerações de (re)conhecer sua herança cultural e afetiva.

Um projeto desenvolvido no Departamento de Arquitetura da UFRN (Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo – HCUrb)



Professores e alunos do Departamento de Arquitetura da UFRN realizam o projeto

procura resgatar o passado, investigando os jardins históricos natalenses a partir da consulta a fontes iconográficas e documentais, buscando vivenciar as sensações proporcionadas pelo espaço e pela paisagem através da criação de imagens em realidade virtual. A intenção é informar, chamar a atenção da população e do poder público para a necessidade de preservar as praças históricas, respeitando as suas várias idades. Desde 2008, os pesquisadores se dedicam ao inventário das praças do Centro Histórico da capital banhada pelo Rio Potengi, mais especificamente às do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Natal, tombado pelo IPHAN em 2010.

A equipe é composta pelos professores Paulo Nobre (coordenador), Marizo Pereira, Miss Lene Pereira da Silva, pela arquiteta Ana Karla Pires de Sousa, as alunas Laís Araújo e Natália Madruga, com colaboração do professor Isaías Ribeiro e os arquitetos Carlos Henrique Lucena e Ana Cláudia Sousa Lima.



POR UM TRÂNSITO COM + GENTILEZA - ACIDENTES

GENTILEZA É:

- não fechar o cruzamento
- não discutir no trânsito
- não parar em cima da faixa de pedestres
- não ultrapassar o limite de velocidade
- não estacionar nas vagas de idosos e portadores de deficiência
- não beber antes de dirigir
- ter respeito, paciência, calma e prudência.

O Detran-RN convida todo mundo a distribuir gentileza: nas ruas, no sinal, no cruzamento, na faixa de pedestres, no congestionamento, no estacionamento, no trânsito, porque respeitando o próximo, respeitando a vida, obedecendo às leis de trânsito, de cidadania e, principalmente, as regras de convivência com o outro, todo mundo ganha uma vida melhor. Experimente você também distribuir gentileza e receba em troca um trânsito melhor!

O NATALCARD É COMO O TORCEDOR NATALENSE

APAIXONADO PELA SELEÇÃO,
ESTÁ EM TODO CANTO
DA CIDADE.



REDE DE VENDAS:

Mais de 100 estabelecimentos comerciais, espalhados pelas quatro regiões de Natal, com recarga Estudante e Passe Fácil.

RECARGA ON-LINE DE VALE-TRANSPORTE:

Com mais comodidade e segurança, as empresas podem realizar a compra de Vale-Transporte para os seus funcionários, pelo site www.natalcard.com.br.

5 POSTOS DE VENDAS FIXOS:

Ribeira(sede), Largo do Teatro Alberto Maranhão, UFRN, Fundação Augusto Severo e Terminal do Soledade.

RECARGA MOBILE:

Consultores externos nas principais paradas de ônibus, realizando a recarga de passagens eletrônicas via celular.

Vai De Ônibus?

Tenha sempre em mãos o seu NatalCard Vale-Transporte, Estudante, Profissional ou Passe Fácil.



ESPELHO, ESPELHO MEU

O encantado mundo das selfies dita moda e conceitos num piscar de cliques produzidos

Por Larissa Soares
Fotos: Instagram



QUE ATIRE O PRIMEIRO smartphone aquele que não postou uma #selfie nos últimos dois meses. Isso mesmo! O que há pouco tempo era considerado cafona, narcisista e egocêntrico caiu no gosto dos instagramers e é o mais novo hit do momento. O clímax das selfies começa na sexta-feira à noite, quando as lulas e os marmanjos estilosos se preparam para sair de casa. Os mais viciadinhos costumam postar todo dia, para a alegria das timelines alheias. Mas, é no final de semana que acontece a maior concentração de postagens em frente ao espelho.

Preconceitos à parte, vamos combinar que é bem tentador postar uma selfie antes de sair de casa. Estudiosos em auto-imagem chegam a recomendar a prática. A justificativa é que vendo a sua imagem de outro ângulo fica mais fácil discernir sobre a própria aparência. Nesse caso, se a foto ficou boa, que mal tem em postar? O feedback da selfie funciona como uma espécie de espelho mágico da Cinderela. A resposta vem em curtidas e é imediata, caso contrário, é melhor mudar o look.

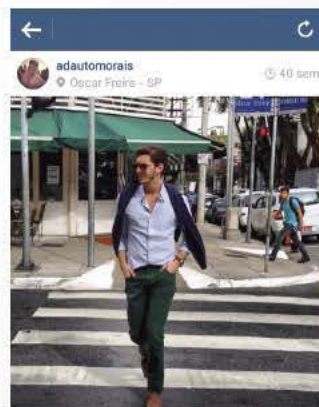
Registre-se que nem só de “aparíncias” é formado o público dos auto-retratos. Os tímidos e menos ousados também entraram na onda, só que do outro lado da câmera, visualizando. Isso porque as selfies se tornaram, no ritmo frenético do dia-a-dia, o meio mais fácil de ter-se informação sobre estilo. Além disso, elas mostram uma moda mais acessível, usável no cotidiano, diferente daquela de editorial que requer um olhar mais criterioso do consumidor. Ainda não se convenceu das benesses da #selfie? Bem, talvez os especialistas natalenses possam dar mais argumentos sobre o assunto.



As it girls! @biasantarosa e @dgsimas



As descoladas @fernandabezerraa e @liliansales



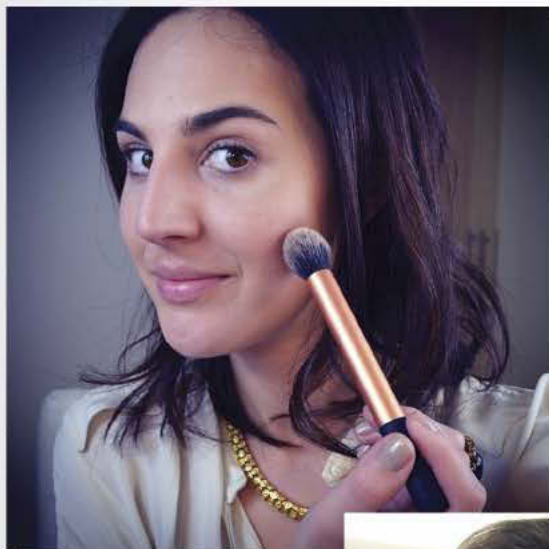
os estilosos @adautomorais e @thiagogaugusto



Se você faz o estilo das it girls, não pode deixar de seguir @biasantarosa e @dgsimas. Sempre antenadas nas últimas tendências, esbanjam beleza em suas paradas estratégicas em frente ao espelho. Bia Santa Rosa, empresária, não tem medo de ousar. Na selfie escolhida, ela está com um look monocromático vermelho e acessórios nudes, que, além de alongar a silhueta, não pesaram no conjunto. Já Duda Gadelha, engenheira civil, que está sempre bronzeada e com cabelos mega iluminados, na selfie pincelada, escolheu

um longo fúcsia e acessórios dourados, que ressaltaram ainda mais o bronzeado.

Mas se você é moderninha e adora uma estampa, vai amar as produções de @rafarleal e @anaregina. Rafaela Leal, empresária, diverte-se nos looks e sempre aparece com uma novidade. Na sua selfie, mostra como mixar estampas. Percebam como as cores conversam entre si. Já Ana Regina Emerenciano, empresária, escolheu uma só estampa e arrasou no look total animal print.



Vic Ceridono
@diadebeaute



Camila Coutinho
@garotasestupidas



Thassia Naves
@thassianaves

Famosas
blogueiras
de moda
apostam
nas selfies

Para as adeptas do estilo easy chic, fica a dica dos perfis das sofisticadíssimas @tinesaemerenciano e @larasantiago. Em sua selfie, Tinesa Emerenciano, blogueira, usou saia lápis preta clássica com camisa jeans, que ajudou a deixar o look mais despojado. Lara Santiago, empresária, em sua selfie, combinou body preto com saia longa de estampa geométrica p&b e red lips. Perfeito.

Já para as roqueirinhas, recomendo os perfis das descoladas @fernandabezerraa e @liliansales. Amigas inseparáveis e formadas em design de moda pelo Senai-RN, elas arrasam nas produções com muito jeans, camisetas e peças inusitadas. Lilian Sales posta também os looks de Dallas, seu filhote fofíssimo e igualmente antenado!

Para os estilosos, @adauto-morais, @thiagoaugusto e @davidemmanuel são ótimas opções. Todos eles postam tanto looks despojados como mais formais. Sendo que Adauto Moraes, arquiteto, tem uma pegada mais moderna, já Thiago Augusto, advogado, arrasa nos looks arrumadinhos, longe de parecer careta, enquanto David Emmanuel, estudante de Direito, mescla peças inusitadas com outras mais formais, no melhor estilo hi-lo.

E aí? Já tirou sua selfie? É bom não se atrasar.



As sofisticadíssimas @tinesaemerenciano e @larasantiago



As moderninhas @rafarleal e @anaregina





CARLOS DE SOUZA

Teatro

O 17º Palco Giratório, promovido pelo Sistema Fecomércio RN, por meio do Sesc, já está a todo vapor. Apresentou a peça Cravo do Canavial (RN) e o infantil O Mistério da Bomba H (MG). Na primeira etapa do projeto, que vai de abril a junho, serão apresentados os espetáculos Guerra, Formigas e Palhaços (RN), Homens de Sola de Vento (SP), Cravo Canavial (RN), O Mistério da Bomba H (MG), Sargento Getúlio (BA) – monólogo com texto do escritor João Ubaldo Ribeiro –, Barrica – Poráguabaixo (SC) e Uma Flor de Dama (CE). Para a 2ª etapa (julho a outubro), estão programadas as apresentações de Viúva, Porém Honesta (PE), O Segredo da Arca de Trancoso (BA), Plaguim (MS), Deus da Fortuna (PB) e Romeu e Julieta (CE). A entrada é gratuita, sendo opcional a doação de 1 kg de alimento não perecível. Os alimentos arrecadados na entrada serão destinados ao Mesa Brasil, programa de assistência do Sesc RN.



Música



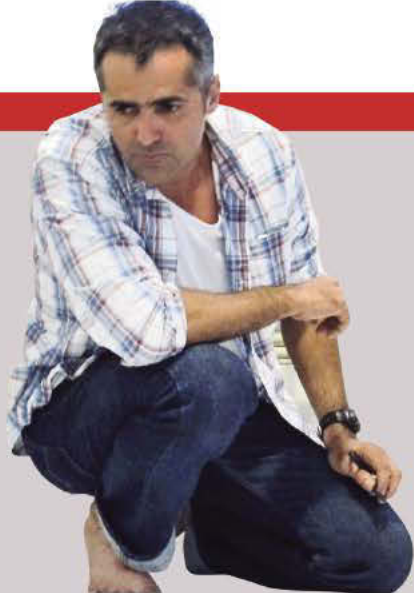
O segundo CD da cantora potiguar Camila Masiso, intitulado Patuá será lançado já está disponível para o público. Totalmente autoral, o novo trabalho da cantora se enraíza na musicalidade brasileira e é feito em parceria com grandes artistas. Todas as músicas do novo CD estão no site www.camilamasiso.com.br. O público que foi ao show de lançamento de Patuá, na última quarta-feira, no Teatro Riachuelo, ganhou um box que inclui o CD com as 11 músicas autorais, além de um DVD, que contém o clipe da música Além do Sol, dirigido por Danilo Guanabara, e o making of de toda a concepção do novo trabalho, captado pelas lentes de Larissa Dantas. Ilustrando a capa figuram as pinceladas multicoloridas do artista plástico potiguar Flávio Freitas.



Pintura

Com aulas de pintura no IFRN-Cidade Alta, alunos produziram a exposição Cultura e Luz, que está aberta na Pinacoteca Potiguar. Com o objetivo de promover a interação, o desenvolvimento e o acesso às artes plásticas, o projeto Cultura e Luz foi idealizado pelo estudante de Produção Cultural Yuri Dantas, visando estimular o acesso à cultura e o desenvolvimento de novos talentos da cultura potiguar. Cultura e Luz pretende fazer a inclusão de alunos da rede estadual de ensino, mas também é aberto a outras pessoas da comunidade em geral. As aulas acontecerão todas as terças, quartas e sextas-feiras, pela manhã, no Atelier de Pintura do Campus Cidade Alta.

Os trabalhos produzidos pelos alunos foram concebidos a partir das aulas teóricas, atividades práticas e aulas de campo - para promover uma maior interação entre estes e a sociedade. O projeto - amparado pela Lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura, através da Fundação José Augusto e Governo do Estado estará em execução até setembro de 2014, com patrocínio da COSERN. A Exposição permanecerá em cartaz até o dia 3 de maio.



Fotografia

A galeria Duas está aberta com a Exposição Póstumos, do fotógrafo Numo Rama. Com um total de 10 imagens, esta é a primeira vez que a exposição fotográfica é montada em Natal, já havendo circulado pela Dinamarca e capitais brasileiras como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Para este trabalho, o fotógrafo apresenta sua linguagem de recortes duros e imagens impactantes em um projeto realizado no antigo presídio João Chaves, com o intuito de ver de perto o processo de sobrevivência e entender os códigos que possibilitavam a socialização destes homens que viviam confinados num ambiente tão hostil. Com a Exposição Póstumos a galeria Duas, que fica na Rua Baía Diogo Lopes, 2197 Ponta Negra, abre o calendário de 2014 oferecendo um espaço para se pensar e discutir a fotografia potiguar.

Livro

A manipulação sempre fez parte da vida humana. O grande diferencial em um ato manipulador é a intenção. Pessoas idosas, crianças e adultos em estado de dependência psicológica são constantemente mais vulneráveis diante dessa questão. Com uma análise baseada em anos de pesquisa e experiência clínica, Maria-France Hirigoyen escreveu *Abuso de Fraqueza e Outras Manipulações*, Editora Bertrand Brasil, 224 páginas, R\$35,00. Neste livro, Marie-France mostra como se passa da influência à manipulação, o que diz a lei e quais são os públicos particularmente frágeis; tudo minuciosamente detalhado em uma linguagem acessível a todos. Ela termina dando uma visão ampla de todos os tipos de manipuladores, dos mais banais aos mais temíveis.



Ilustração

O brasileiro Roger Mello foi o vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen, na categoria ilustrador. O anúncio foi feito durante a Feira do Livro Infantil de Bolonha (realizada entre 24 e 27 de março) e consagrou Roger como o primeiro latino-americano vencedor do HCA, considerado o "Nobel" da Literatura Infantil e Juvenil e concedido pela International Board on Books for Young People. Entre os autores, a vencedora foi a escritora japonesa Nahoko Uehashi. Finalista pela terceira vez, ele foi indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - seção brasileira do IBBY - que desde 1970 seleciona autores e ilustradores brasileiros para concorrer ao prêmio. Com ele, concorreram outros cinco ilustradores: Rotraut Susanne Berner, da Alemanha; John Burningham, do Reino Unido, Eva Lindström, da Suécia; François Place, da França; Øyvind Torseter, da Noruega. Dentro da programação da Feira do Livro Infantil de Bolonha, que esse ano homenageou o Brasil, Roger Mello compõe ainda a lista dos 55 ilustradores brasileiros que integram a exposição Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis histórias e o catálogo que a acompanhou. A curadoria é da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Fundação Biblioteca Nacional.



Leitura

A Páscoa é um feriado religioso marcado pela esperança, pois, na tradição cristã, no domingo de Páscoa se comemora a ressurreição de Cristo. Mas também se tornou tradição presentear as crianças (e muitos adultos também) por isso a Editora Salamandra sugere uma leitura que vai encantar as crianças e despertá-las ainda mais para essa data cheia de simbolismo. *Uma História de Páscoa*, de Ana Maria Machado, com ilustrações de Adilson Farias, no formato e-book, R\$24,50. O livro foi publicado inicialmente na revista *Recreio*, em março de 1971, ilustrada por Canini. Alguns anos mais tarde, ganhou roupagem totalmente nova, num formato pequenino, fácil de caber em mãos infantis, pela Editora Record, que republicou o livro - dessa vez com ilustrações da dupla Denise & Fernando. Agora o leitor tem as duas opções e-book e livro.



CHÍQUIMAS E CHEIROSAS

Fotos: Paulo Lima

Conhecida por pilotar memoráveis festas na capital do Brasil, a socialite e empresária Moema Leão deixou sua marca registrada em mais uma celebração de aniversário, na bela casa da filha Valéria Leão Bittar, na Península dos Ministros, que assinou a decoração temática animal print. Happy hour repleto de mulheres chíquimas e perfumadas, como sua bela filha Viviane Piquet, senhora Nelson Piquet



Nathália Abi Ackel, Viviane Piquet, Moema, Narciza Leão, Valéria Leão Bittar e Luiza Bittar



Cleucy Oliveira, Vandira Peixoto e Carla Lôbo



Elizabet Campos, Marly Nogueira e Maria Helena Gomide



Iracema Torres, Cosete Gebrim e Mércia Crema



Silvana Curió, Gláucia Benevides, Solange Ferrer e Elizabet Naoum



Rosália Peixoto, Hedwiges Siqueira e Lúcia Bittar Homs



Nevinha de Souza, Soraia Debs e Mônica Oliveira



Adriana Colela, Ana Cláudia e Consuelo Badra



Ana Maria Gontijo entre Salma e Aúrea Farah



Carmen Minuzzi, Lucinha Itapary e Leila Chagas

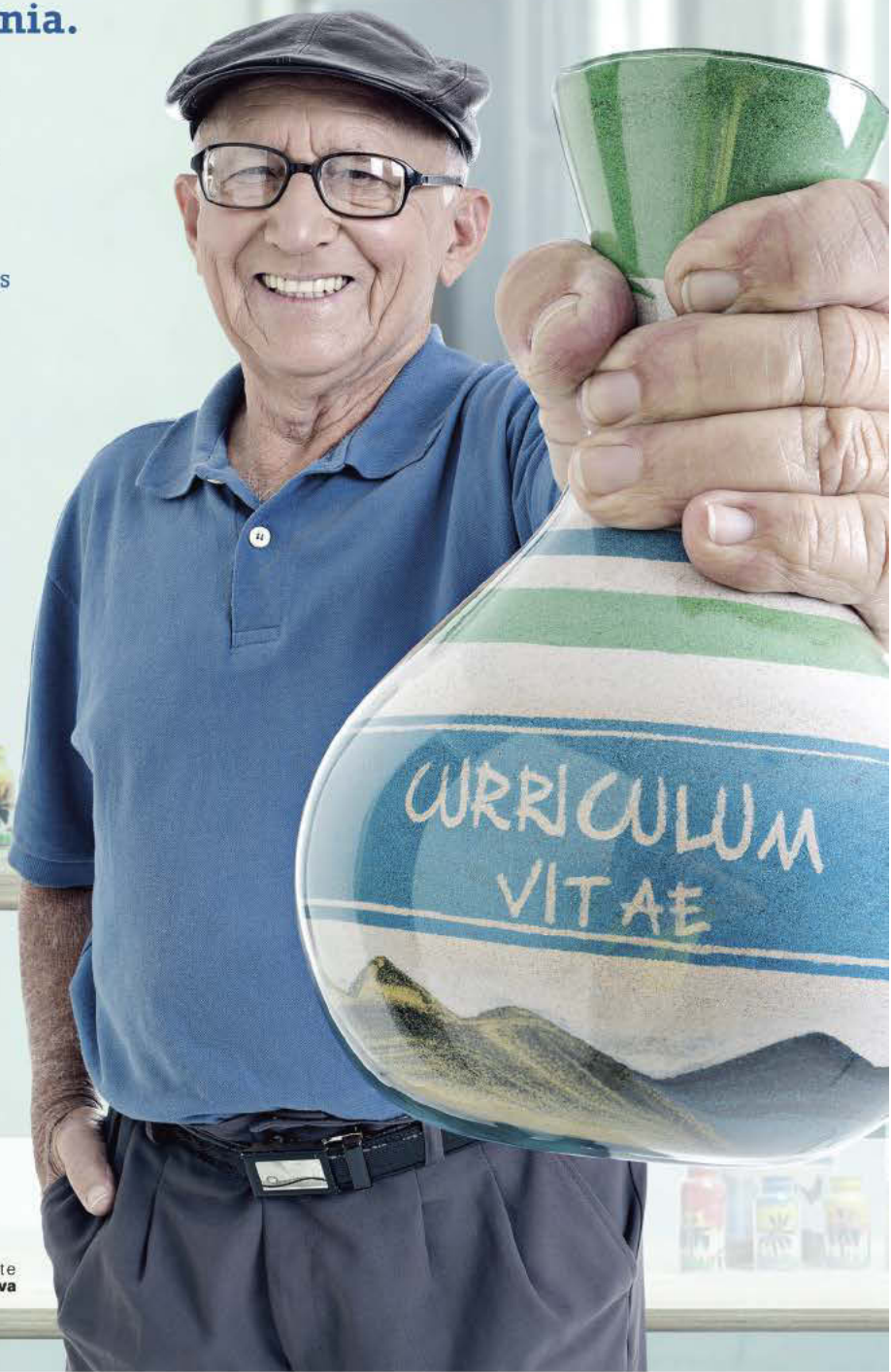
UM PROGRAMA FEITO ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS.

AQUELES DA TERCEIRA IDADE.

Programa Recomeçar. Sempre é tempo de cidadania.

O Recomeçar é um programa da Assembleia Legislativa que oferece cursos para pessoas da terceira idade. O objetivo é proporcionar o reingresso delas no mercado de trabalho e a participação em ações da Casa do Povo. É uma grande oportunidade de valorizarmos quem tanto nos ensina. E de mostrarmos que experiência e juventude podem render muito mais juntas.

INFORMAÇÕES: (84) 3232.1001



TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

LOCOMOTIVA

Ela foi um divisor de águas na moda de Natal. A empresária Letícia Galvão Ferreira de Souza começou com uma pequena loja na sua casa no ano 1966. Visionária e com gosto apurado, trazia tendências do mundo todo para as suas clientes. Os desfiles que realizava eram mega-eventos, aliando moda e causas beneficentes. Seus modelos eram celebridades do showbiz e clientes. Em 1999, inaugurou a primeira loja estilo maison de Natal. A Maison Letícia deu o ponta-pé para transformar a Avenida Afonso Pena na chamada Oscas Freire da capital potiguar. Ela reinava absoluta entre as lulas de fino trato, gostava de atender pessoalmente suas clientes. Mas, tudo que é bom acaba. Em abril de 2008, decidiu fechar as portas da Maison e curtir a vida e a família, apenas, deixando órfãs as amigas-clientes.



Melina, Bruna, Letícia, Milena Galvão com a modelo Daniela Sarahyba



Letícia, Thaiza Barros, Cinthia Barros, Suzana Ledebour



Laurita Arruda, Rossana Fonseca, Ana Judilita Gaspar, Cyndra Potiguar



Lourdes Flor, Edna Galvão



Juliana Flor, Andrea Flor, Nathalia Faria



Letícia e Lino Vilaventura



Marilene Meirelles, Jurema Cansanção, Elizenir Rosado e Gorete Tito



Nilze Dias, Letícia, Neide Maciel, Fafá Rosado, Najja Dias



Maninha Dias, Regina Emerenciano, Dodora Alves, Marizinha Gurgel, Celina Marinho



Glênia Gentil, Melina Galvão, Sovânia Monte, Beta Almeida, Valéria Cavalcanti



Jota Oliveira, Valdemar Iódice, Letícia



Letícia brinda com Fause Hatén e Renato Kherlakian (Zoomp)



Letícia e a saudosa Jane Faria



Dagraça Ferreira de Souza, Letícia, Jerusa Bulhões



Tázia Varela, Sheila Figueiredo, Márcia Varela, Ana Karenina Fernandes



Larissa Luana, Naide Trindade, Sayonara Alves, Thacyanne Flor



Ana Regina Emerenciano e Júlia Arruda



Sovânia Monte



Recebendo Priscila Melo, Maria do Carmo Azevedo, Odete Guerra, Zélia Medeiros



Festa rica, povo pobre!

*Não me convidaram
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram pra me convencer.
A pagar sem ver, toda essa droga que já vem
malhada antes de eu nascer
(Brasil, Cazuza)*

Somos eternamente cercados por tentações, sempre inclinados a tirar nossos pés do chão, produzindo aqui e ali passos mais largos do que nossas pernas comportam. E assim o é há tempos, os mais remotos possíveis, como demonstra a história da civilização grega. De fato, quando os guerreiros espartanos retornavam à cidade cobertos de glórias, eram acompanhados de perto por pessoas responsáveis por lhes falar ao ouvido: “você é mortal!”

Os homens e as nações tendem a embevecer-se com suas próprias obras, cujos efeitos inebriantes podem significar descolar-se da realidade e imaginar-se capaz de tudo fazer, como se não mais fossem mortais - para os homens -, ou sujeitos a ban-carrotas - no caso das nações. Mas, também quanto a esta bebida, cabe-nos apreciar com moderação.

Infelizmente, há sinais de que este fato ocorreu em relação à Copa do Mundo no Brasil em 2014, desde o momento em que fomos escolhidos como sede, no já longínquo 30/10/2007. Sem sombra de dúvidas, encantamo-nos com este feito, encarado por alguns como um convite para entrar no mundo desenvolvido, como se todas as nossas mazelas tivessem sido superadas em um passe de mágica.

Sem que tivéssemos alguém a lembrar-nos da nossa “mortalidade”, empenhamos todas as nossas fichas em um evento que seria a redenção brasileira. Assim, pagaremos sem ver quase R\$ 10 bilhões por esta festa, sob a ilusão de que ela compensará tanto esforço em viabilizá-la. Estivemos tão embevecidos com nós mesmos, a ponto de achar que a maior crise mundial em mais de meio século - iniciada em 2008, mas com efeitos sentidos até hoje -, não passaria de uma “marolinha”, acaso vista sob a perspectiva da economia brasileira.

Enfim, chegamos ao ano de 2014, e com ele somos convidados a colocar novamente os pés no chão. A realidade econô-

mica a 60 dias da Copa do Mundo é bem diversa da que imaginávamos, inclusive conforme aferido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), cujo relatório divulgado no dia 08/04/2014 revisa para baixo as previsões de crescimento do PIB brasileiro em 2014 e 2015.

Ou seja, nada obstante todo o dinheiro público colocado para viabilizar a Copa do Mundo, o crescimento do nosso PIB no ano de sua realização ficará muito abaixo da média de expansão do PIB no mundo, sendo inferior até mesmo à média sul-americana - só crescerão menos do que nós a Argentina e a Venezuela, consoante o FMI. E qual a principal causa deste resultado píffio, segundo o organismo internacional? O déficit de infraestrutura no Brasil!

Não à toa, nesta mesma semana, o Instituto Datafolha publicou pesquisa sobre como percebemos atualmente o mundial de futebol no Brasil. Sem volteios, direto, rasteiro e no canto: a maioria da população brasileira (55%) acredita que a Copa trará mais prejuízos do que lucros para o país.

Portanto, além de não termos alguém a cochichar nossas fraquezas nos momentos de delírio, também esquecemos de ouvir o filósofo Garrincha, sempre a indagar se combinamos com os russos - neste caso, o povo brasileiro, convidado a pagar a conta sem ver.

























À evidência, não podemos desfazer aquilo que foi feito até aqui quanto à Copa do Mundo, mas, se pretendemos não seguir o caminho da Grécia - a moderna, não a antiga, esta que entrou em crise econômica após realizar as Olimpíadas de 2004 -, cabe-nos chamar a dona da festa - e sua principal beneficiária econômica - para começar a pagar alguns dos seus custos, notadamente os decorrentes de instalações temporárias e as “Fan Fests” da vida.

Afinal de contas, nosso orçamento também não é imortal!

A NOSSA TV CÂMARA EM SINTONIA COM VOCÊ.

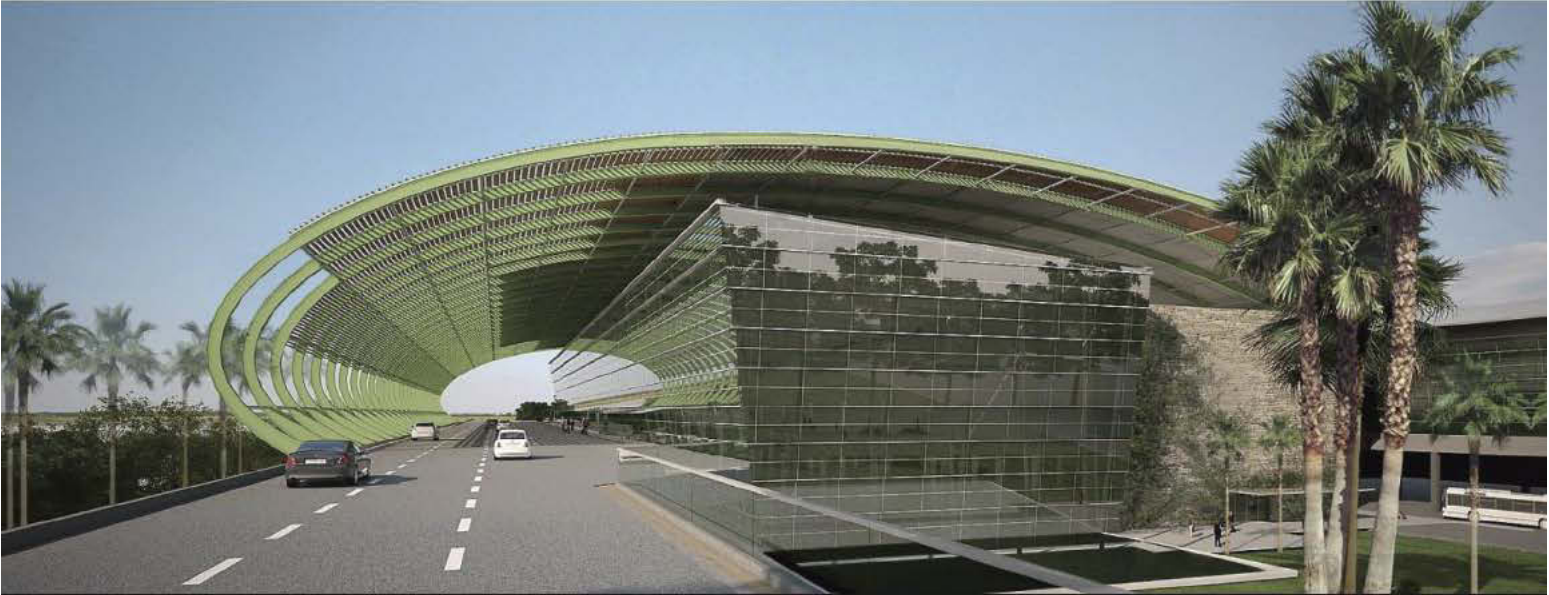
O legislativo municipal está na tela da sua tv com informação, cidadania e cultura para todos os natalenses. Com uma programação voltada ao interesse da sociedade, a TV Câmara é um instrumento de transparência dos atos do poder legislativo.

ENTRE NESSA SINTONIA. ASSISTA NOSSA PROGRAMAÇÃO.

- | | |
|---|--|
|  SESSÕES ORDINÁRIAS |  TV FISCO EM PAUTA |
|  SESSÕES SOLENES |  TV RURAL |
|  AUDIÊNCIAS PÚBLICAS |  QUINTA JURÍDICA |
|  CÂMARA REPÓRTER |  JUSTIÇA E VOCÊ |
|  COM A PALAVRA VEREADOR |  AGORA É LEI |
|  CÂMARA VERDE |  DICAS DA TV CÂMARA |
|  CÂMARA ESPORTIVA |  FAÇA O BEM |
|  CÔMITE DE IMPRENSA |  MEU BAIRRO |
|  DIRETO AO PONTO |  MOMENTO CULTURAL |
|  TELA DE JUSTIÇA |  PERFIL PARLAMENTAR |
|  PENSANDO BEM |  PONTOS HISTÓRICOS |
|  EDUCAÇÃO EM PAUTA |  VOCÊ SABIA |



WWW.CMNAT.RN.COM.BR



DESENVOLVIMENTO EMBARQUE IMEDIATO PARA SÃO GONÇALO DO AMARANTE

+ DE R\$ 1 BILHÃO EM INVESTIMENTOS

Através de parcerias com a iniciativa privada e os governos Federal e Estadual.

São 83 milhões de reais investidos na melhoria do sistema de abastecimento d'água. Mais de 31 milhões investidos em saúde e educação. 75 milhões de reais na construção dos acessos ao novo aeroporto. Mais de 200 milhões no maior empreendimento habitacional do programa Minha Casa Minha Vida no estado. 650 milhões de reais investidos no novo Aeroporto Internacional Aluizio Alves. A cidade cresce planejada, respeitando suas tradições culturais, o meio ambiente e criando oportunidades para todos.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.